

DÊIXIS E ANÁFORA NA LÍNGUA JAPONESA

Um Estudo Gramatical e Lingüístico dos Mostrativos

Lídia Masumi Fukasawa

Dizer que nos valemos de signos para a comunicação de nossas idéias constitui não só uma afirmação incontestável, mas um lugar-comum da lingüística, universalmente aceito e conhecido por todos. Entretanto, o sentido contido nesta afirmação suscita, para qualquer estudioso de qualquer língua, uma gama de preocupações, não só relacionadas à realidade lingüística, como também à realidade extra-lingüística. A transformação das palavras em ato de comunicação implica, na verdade, não só o enunciado mas também, e principalmente, os sujeitos da enunciação. São estes que possuem a propriedade de converter a língua em discurso, assumindo ora o papel de produtor (ou remetente), ora o papel de receptor (ou destinatário) da mensagem. A comunicação só se realiza se houver um falante que produz um enunciado e um interlocutor a quem o primeiro se dirige, com intenção de comunicar.

Os participantes da comunicação são, pois, as pessoas do discurso que imprimem, no momento da enunciação, um caráter subjetivo ao enunciado. A situação de enunciação é, portanto, definida pelos participantes da comunicação, cujo papel é determinado pelo *eu* que projeta um *tu* e estabelece as dimensões espaço-temporais que configuram a situação de discurso. Tais elementos, a que Benveniste deu o nome de "indicadores de instância do discurso", são expressos principalmente pelo que tradicionalmente chamamos de "pronomes pessoais", "pronomes demonstrativos" e "advérbios" (de tempo e de lugar).

As funções desempenhadas pelas pessoas do discurso parecem-nos, pois, fundamentais para o estudo de uma língua. Foi esta a razão que nos levou ao estudo dos dêiticos e dos anafóricos da língua japonesa.

A nossa intenção é a de apresentar uma visão geral do problema, procurando inicialmente discutir e refletir sobre a posição de vários autores japoneses que trataram do assunto, bem como a de tirar algumas conclusões que poderão servir de subsídio para as pessoas interessadas no ensino e na aprendizagem da língua japonesa, no campo da dêixis e da anáfora. Procuraremos, em seguida, analisar mais detidamente os valores e as funções dos dêiticos e dos anafóricos da língua em questão, por meio de um *corpus*, onde procuramos levan-

tar as expressões mostrativas, retiradas de algumas obras de escritores japoneses modernos.

A preocupação básica do trabalho foi, portanto, a de analisar as palavras que ocupam lugar indispensável na dimensão pragmática da linguagem, cuja função essencial é a de estabelecer uma relação de mostração entre o remetente e o discurso, entre o remetente e os componentes espaço-temporais da situação de discurso.

Dada a inconveniência dos termos “pronomes pessoais” e “pronomes demonstrativos” (como ficará evidente ao longo deste nosso trabalho), designá-los-emos de “mostrativos pessoais” e “mostrativos não-pessoais”. O nosso trabalho visa, portanto, ao estudo dos “mostrativos” da língua japonesa, ligados ao aspecto da subjetividade a eles imprimida pelo remetente da mensagem.

Dos autores ocidentais, só tomaremos como ponto de referência alguns poucos conceitos. Suas posições teóricas sobre a dêixis e a anáfora não serão objeto primordial de nossas preocupações, porque fogem ao objetivo dos nossos estudos: nosso objetivo é o de estudar, em suas linhas gerais, os mecanismos da mostração em língua japonesa moderna, a partir do ponto de vista dos gramáticos e lingüistas japoneses.

Devemos observar, ainda, que os autores japoneses — dos quais trataremos mais adiante — são aqueles que, a partir de Shigenobu Tsurumine (1833), formularam uma teoria da língua japonesa, tendo como base os princípios propostos pela gramática holandesa.

A ocorrência do fenômeno de *rangaku*, “estudos holandeses”, na cultura japonesa, foi um acontecimento histórico que marcou profundamente não só as demais áreas das ciências, mas também a área dos estudos da língua japonesa.

O Japão, confinado em seu isolamento político, mantinha, a partir do começo do século XVII, apenas um intercâmbio comercial com a Holanda, a China e a Coréia, na pequena ilha de Dejima, no porto de Nagasaki. Esse intercâmbio, que no início se restringia ao comércio, passou, com o tempo, à área da Medicina, da Botânica, da Astronomia, da Balística etc. O contato com os holandeses, que no início se dava no porto de Nagasaki e por ocasião da sua visita protocolar e anual a Edo, centro político do Shogunato do Japão na época, propiciou o surgimento do *rangaku*, que então não se restringia mais ao campo da Medicina, da Botânica e de outras Ciências acima citadas, mas se estendeu à área das Ciências Humanas.

A necessidade de se entender e de se traduzir as obras holandesas nas várias áreas da ciência fez surgir o desenvolvimento dos estudos da língua holandesa. Em 1814, surgiu a primeira obra de gramática holandesa traduzida para o japonês, por Sajûrô Baba.

Foi, entretanto, em 1833 que surgiu, pela primeira vez, uma gramática da língua japonesa baseada na gramática holandesa — *Gogaku*

Shinsho, “Novo Tratado da Língua Japonesa” — em que o seu autor, Shigenobu Tsurumine, estabelece os princípios daquela gramática (holandesa) como regras gerais e universais que regulam todas as línguas.

As obras que surgiram depois de *Gogaku Shinsho*, “Nova Gramática da Língua Japonesa”, encontram-se impregnadas das influências da gramática holandesa e também de outras línguas ocidentais, notadamente da inglesa, da francesa e da alemã.

A influência de obras gramaticais estrangeiras se faz notar na própria classificação das palavras da língua japonesa. O termo *dai-meishi*, por exemplo, não é nada mais do que a tradução da palavra *pronome*, cujo sentido original — “palavra usada no lugar do nome” — perdurou por algum tempo na gramática japonesa, vindo a prejudicar a compreensão do real sentido e da função das palavras recobertas pelo termo *pronome*.

A compreensão de que o termo *pronome* não serve para recobrir as funções de mostraçāo e de relação entre o remetente e os elementos do discurso só veio a ocorrer mais tarde, já no início do nosso século.

Se os mostrativos da língua japonesa se relacionam intrinsecamente com o fator subjetivo da linguagem, não podemos inseri-los e classificá-los dentro de um sistema rígido, taxionômico, contido na gramática tradicional. O fator subjetivo que governa os mostrativos provoca uma mobilidade em seu emprego, pois, eles dependem das circunstâncias psicológicas e da intencionalidade do remetente, no momento da atualização de sua mensagem. O que se pode, portanto, estudar e estabelecer é uma tendência geral que determina os usos e as ocorrências desses mostrativos. Não se pode inseri-las dentro de quadros classificatórios estanques e rígidos. As categorias taxionômicas existentes se mostram insuficientes para explicar os significados e as funções que os mostrativos desempenham no interior do texto e do discurso.

1 — CONSIDERAÇĀOES PRELIMINARES SOBRE A DĒIXIS E A ANĀFORA

Definir os *dēiticos* meramente como representantes lingüísticos do gesto de “apontar” ou de “indicar” é um ponto de partida um tanto simplista para o estudo da dēixis de uma língua. Para a plena compreensão desse fenômeno, torna-se necessário recorrer a uma definição mais abrangente que leve em conta não só os componentes envolvidos no processo de comunicação, tais como remetente, destinatário, elementos indicadores de localização espacial e temporal da situação do discurso, como também um estudo mais aprofundado da natureza do signo dēítico relacionado com suas diversas funções e com as práticas culturais peculiares à comunidade enfocada.

Sabemos que grande parte dos estudiosos da língua engloba, com a palavra “dêitico”, todas as unidades lingüísticas portadoras da função de indicação, seja aquela que retoma ou antecipa uma outra forma gramatical dentro do texto, seja aquela que aponta para os participantes do discurso e os componentes espaço-temporais que estabelecem a situação de enunciação. Entretanto, dada a diversidade de funções que esses dois tipos de palavras encerram, consideramos imprescindível designá-los distintamente através de nomes diversos.

Para o estabelecimento de tais diferenças, consideramos fundamental, além de outras obras de lingüistas de reconhecido valor (Bloomfield, Benveniste, Jakobson etc. e de alguns estudiosos japoneses como Yamada, Tokieda, Sakuma, Watanabe entre outros, dos quais trataremos mais adiante), o trabalho realizado por Ignácio Assis da Silva (*A Déixis Pessoal* — tese de doutoramento apresentada na FFLCH da nossa Universidade, 1972), o qual sumariou e ordenou as idéias de um grande número de lingüistas e gramáticos ocidentais que se dedicaram ao estudo da déixis. Segundo o autor, existe a necessidade de se distinguir, nas palavras que “indicam” e “mostram”, isto é, “na classe de palavras tradicionalmente chamadas de *pronomes*, uma subclasse cuja função essencial é apontar para os componentes da situação de discurso, e outra cuja função básica é apontar para trás ou para diante no interior do discurso”. (*Op. cit.*, p. 128). Assim, como “cover-word” para essas duas classes de palavras, consideradas englobadas, o autor deu o nome de *mostrativos*, cujas características básicas são:

- (1) instituir uma relação de mostraçāo que pode dar-se do discurso para a situação (típica) de discurso ou de um ponto do discurso para um outro ponto no interior do discurso, para trás ou para diante;
- (2) não denominar como os nomes.

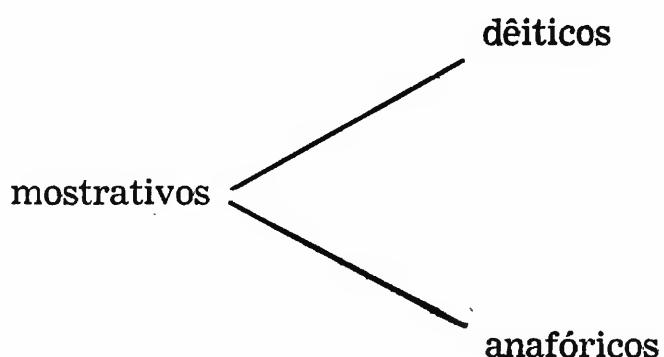
A classe de palavras denominadas “mostrativos” encerra, assim, dois tipos de signos:

- a) os **dêiticos** — cuja característica básica é a de designar-se pela dimensão pragmática da linguagem, isto é, pela relação signo-usuários — a relação do signo com a situação típica de discurso, vale dizer, com o destinador, com o destinatário e com os componentes espaço-temporais que situam no tempo e no espaço o ato de comunicação;
- b) as **proformas⁽¹⁾** (mostraçāo anafórico-catafórica) — cuja característica básica é a de se definir pela função sintática

(1) O termo “proforma” foi assim denominado por Ignácio Assis da Silva para a mostraçāo anafórico-catafórica cuja função básica é a de *substituição*. O autor retoma a noção de *forma* proposta por Hocket — um segmento significativo qualquer, resultante da segmentação do enunciado. “Uma proforma é, assim, uma forma gramatical (isto é, significativa); a forma substituída pode ser um substantivo, um adjetivo, um verbo, um advérbio, um sintagma (nominal, verbal ou adverbial), uma oração ou um enunciado inteiro” (*A Déixis Pessoal*, 1972, pp. 131-132).

da linguagem, isto é, pelas relações que contraem com outros signos na mensagem (relação signo-texto), substituindo-os.

Essas observações nos pareceram bastante coerentes e bem fundamentadas, razão pelo qual adotaremos, inicialmente, em nosso trabalho, a classificação apresentada por Ignácio Assis da Silva, que dividiu os signos mostrativos em **signos dêiticos** e **signos anafórico-cafôricos**, denominando estes últimos simplesmente de «anafóricos». Esquematizando, temos:



Para que essa divisão em duas classes torne-se mais clara, o autor levanta alguns aspectos referentes a cada uma delas, apontando-lhes, inclusive, os pontos de contraste, conforme observações descritas abaixo.

Se, por um lado, os anafóricos *substituem* formas anterior e posteriormente expressas no discurso, por outro, os dêiticos possuem a propriedade de apenas *apontar* para as “instâncias do discurso” (cf. Benveniste), ou seja, para os participantes do ato de comunicação e para os componentes espaço-temporais que configuram a situação de enunciação. Nesse sentido, os anafóricos possuem sempre um antecedente aos quais se referem; os dêiticos não os possuem por serem insubstituíveis — constituem o “suporte do texto”: não há veiculação possível da mensagem se não houver um remetente, um destinatário e uma localização espaço-temporal dos elementos contidos na mensagem, além do conteúdo a ser comunicado. O uso dos anafóricos se justifica pela necessidade de economia sintâgmática, porque evita a repetição, e o dos dêiticos pela necessidade de economia paradigmática, pois é muito mais trabalhoso nomear um objeto do que simplesmente apontá-lo (requer menor esforço seletivo) ⁽²⁾.

Essas considerações serão retomadas mais adiante, quando tentaremos redefinir-las através dos estudos lingüísticos teóricos realizados por vários autores e da análise dos dados da língua japonesa, por nós levantados, no *corpus* do trabalho. A natureza dos dois usos dos mostrativos, esperamos, tornar-se-á mais clara quando da sua análise efetiva no âmbito prático.

(2) SILVA, Ignácio Assis da — *Op. cit.*, pp. 132-134.

2 — PRINCIPAIS LINHAS TEÓRICAS DOS ESTUDIOSOS JAPONESES, NOS ESTUDOS DOS MOSTRATIVOS

Tendo em vista as várias consultas a obras de gramáticos e lingüistas japoneses que se manifestavam sobre o assunto, podemos verificar que, no japonês, os estudos sobre os mostrativos remontam a quase quatrocentos anos. Padre João Rodriguez (1604) já destacava, como função dos “pronomes”, o fator de mostraçāo dos objetos. Entretanto, a essa natureza mostrativa somava-se a idéia de substituição do nome. Embora não tivesse ainda registrado explicitamente o papel do remetente e do destinatário na situação de discurso, Rodriguez já chega a citar as implicações das noções de respeito e polidez que determinam o uso deste ou daquele “pronome”. Ao registar as “formas honrosas”, as “formas de respeito” ou as formas de “gente bayxa” e de “gente alta”, ele já atribuía ao “pronome” (no caso, os chamados pronomes pessoais) o seu caráter social e a consciência necessária do remetente como tal, no momento da atualização de sua fala.

Entretanto, o trabalho realizado por Rodriguez parece não ter influenciado, nos períodos que se sucederam, os estudos realizados pelos autores japoneses. A grande mudança que se verificou na análise da língua japonesa deve-se aos estudos que surgiram por influência da gramática da língua holandesa. A chegada dos holandeses ao Japão (1609) levou os japoneses à necessidade de adquirir conhecimentos científicos (começando pela Medicina e depois pela Astronomia, Geografia, Física, Química etc.), e, consequentemente, à necessidade de traduzir as obras holandesas. Foi através da Holanda que o Japão, confinado pelo regime político da época (Edo, séc. XVII - XIX) ao fechamento quase total de seus portos, conseguiu tomar conhecimento da cultura científica do Ocidente.

Shigenobu Tsurumine foi, segundo Motoki Tokieda (*Kokugogakushi* “História da Língua Japonesa”, 1966), o primeiro estudioso a elaborar uma gramática japonesa impregnada de forte influência da língua holandesa. Com a obra *Gogaku Shinsho*, “Novo Tratado da Língua Japonesa”, 1833, Tsurumine registrou uma nova visão da língua japonesa, criticando as obras que tratavam dos estudos daquela língua, produzidas até então.

Tokieda nos informa:

“*Tsurumine Shigenobuwa hajimete rambuntenni rikkyaku-shite kokugono bunpō soshikio kokoromita. / ... / Gogaku / ... / Shinsho(wa) / ... / waran buntenno meimokuni kokugoo haitōshita monodeatte, sono haitōni atatte, mizukara kokugoni taisuru atarashii kenkaiga umaretanodeearu. Shigenobuwa rambuntenno soshikio motte, oyoso gengoo toriatsukau gensokudearukano gotoku kangaete, kono kenchikara zairaino kokugo kenkyūo hihanshita.*”

(*Kokugogakushi*, p. 155)

“Baseando-se na gramática holandesa, Shigenobu Tsurumine, pela primeira vez, tenta uma estruturação grammatical da língua japonesa. /.../ Novo Tratado da Língua Japonesa /.../ é uma adaptação da língua japonesa às nomenclaturas da gramática holandesa, escrita em japonês. Através dessa operação, o autor criou uma nova visão para sua própria língua. Ele considera a sistemática da gramática holandesa como sendo os princípios universais adaptáveis a todas as línguas. Partindo desse ponto de vista, Shigenobu criticou os estudos lingüísticos sobre a língua japonesa realizados até então.”

(*História da Língua Japonesa*, p. 155)

Foi essa nova postura de análise lingüística que propiciou a inclusão do termo *pronom*e na gramática da língua japonesa moderna, ainda com o sentido de “vocábulo que substitui o nome”.

Além da escola grammatical holandesa, os estudos desenvolvidos pelos gramáticos japoneses foram apresentando, progressivamente, na medida em que o Japão ampliava seus contactos com a Europa, a influência de outras culturas como a inglesa, a francesa e a alemã.

Com referência aos estudos específicos sobre os mostrativos da língua japonesa, podemos perceber as seguintes tendências gerais:

- 1) considerar os mostrativos segundo o critério de distanciamento e proximidade físicos entre o remetente e o elemento denotado (desde 1833 até 1930);
- 2) considerar os mostrativos segundo o critério de “áreas de domínio do remetente e do destinatário” (de 1930 em diante).

Como vemos, a primeira tendência é mais antiga, porque pode ser detectada em Shigenobu Tsurumine, Fumikito Ôtsuki, Yoshio Yamada e Shintichi Hashimoto; a segunda é relativamente mais recente — ela surgiu com Kanae Sakuma, não deixando, entretanto, de ter origem nas postulações de Motoki Tokieda, que estabeleceu claramente a função do remetente e do destinatário na mensagem, e, como consequência, o fator subjetivo que governa os mostrativos.

Tsurumine, Ôtsuki, Yamada e Hashimoto analisaram os mostrativos baseados no critério de proximidade e distanciamento físicos (*enkinkankei*), embora Yamada já tivesse notado, nos mostrativos, a presença do fator subjetivo gerado pela intenção do remetente ao comunicar-se.

É Matsushita quem, pela primeira vez, introduziu, na gramática japonesa, a teoria de *nawabari*, “área de domínio” do remetente e do destinatário. Foi, entretanto, Sakuma o autor que destacou efetivamente a noção de mostraçāo, acoplada à noção de participação do remetente e do destinatário na configuração dos pronomes, numa dada

situação de discurso. Nesse sentido, foi Sakuma quem excluiu definitivamente o “pronomo” da classe dos nomes e sistematizou os mostrativos das classes de *KO*, “este”; *SO*, “esse”, *A*, “aquele” e *DO*, “qual”, segundo a teoria de *nawabari*, “área de domínio”.

A visão mais completa de inclusão e ênfase do caráter subjetivo que governa o “pronomo” veio com Minoru Watanabe. Foi com ele também que se efetivou a distinção nítida entre função dêitica e função anafórica dos mostrativos. Consciente dessa distinção, Watanabe enfatizou a importância da função dêitica enquanto elemento que precede a função anafórica. A consideração do caráter subjetivo que governa os mostrativos permitiu a Watanabe detectar a mobilidade do uso de *KO, SO, A* no interior do discurso.

A distinção entre *função dêitica* e *anafórica* dos mostrativos foi destacada também por Itaru Ide, Tarô Takahashi, Yukiko Sakata, Kazue Okamura e Kazuyoshi Horiguchi. Levado pelo fator “subjetividade que governa os pronomes”, Ide e Takahashi desenvolveram a teoria de *bamen*, “situação objetiva de enunciado”, e *ba*, “situação subjetiva de enunciação”, atribuindo aos “pronomes” dois traços essenciais: a de definir o conceito de relação (o posicionamento físico ou psicológico do remetente em relação ao objeto denotado dentro do discurso) e a de expressar o seu conteúdo categórico (de pessoa, de lugar, de direção, de modo etc.).

Essa tendência geral mais recente, que se percebe nos estudos a partir de Tokieda e Sakuma, permitiu maior aprofundamento nos estudos referentes aos mostrativos. De maneira implícita ou explícita, ou melhor, de maneira mais enfática ou mais atenuada, os autores passaram a destacar o fundamento da subjetividade (Tokieda, Sakuma, Watanabe etc.) ou do grau de envolvimento (Horiguchi) do remetente com o discurso. Os estudos dos vários graus de subjetividade ou envolvimento do remetente com o objeto referido no enunciado, mediante análise das “áreas de domínio” (*nawabari*, *seiryoku kennai*, *seiryoku han'i* etc.) estabelecidas pela polaridade “remetente ⇌ destinatário”, permitiram compreender a maneira segundo a qual se realiza a conversão da língua em discurso. Em outras palavras, a análise das áreas de domínio do remetente e do destinatário na configuração dos mostrativos, realizada por Watanabe, e ampliada por Takahashi, Ide, Okamura e Horiguchi, trouxe esclarecimentos fundamentais para a apreensão do seu significado e do seu funcionamento.

Cumpre-nos esclarecer que estamos perfeitamente conscientes de que todas essas posições teóricas aqui levantadas, ou pelo menos grande parte delas, encontram aproximações e paralelos com as teorias propostas por vários lingüistas na lingüística ocidental.

Não seria preciso insistir que a noção de subjetividade, que governa os pronomes, levantada por Tokieda, Sakuma, Ide, Takahashi etc. foi apontada com muita clareza por Benveniste, em seu estudo sobre a *déixis*⁽³⁾. A função “indicadora de instância do discurso”

dos pronomes, a sua função de unicidade (o *eu* que fala e o *tu* que recebe a ação são cada vez únicos) e de inversibilidade (o *eu* se converte em *tu* e vice-versa), apontada pelo autor, se aproxima da teoria de *bamen* e *ba* desenvolvida por Ide, Takahashi, Okamura e outros; a noção de “reconhecimento ou consciência do papel de remetente daquele que diz *eu*” também se aproxima das noções de *jibun* e *aite* propostas por Takahashi; o fundamento lingüístico da subjetividade — “a realidade dialética entre *eu-tu*” — levantada pelos autores japoneses pode ser encontrado também em Benveniste.

As noções de substitutos pessoais e substitutos anafóricos foram também levantadas por Bloomfield em sua obra *Language* (1935), no capítulo intitulado “*Substitution*”.

Em seu trabalho “Categorias dêiticas”⁽⁴⁾, Lyons destaca, a exemplo do que fizeram os gramáticos e lingüistas japoneses, a importância da existência dos componentes do discurso — falante, ouvinte e sujeito do discurso — ou a noção de “centralidade do ponto de referência do remetente”.

No capítulo “*Reference*”⁽⁵⁾, Halliday e Hasan distinguiram as “referências exofóricas” (dêiticas) e as “referências endofóricas” (anafóricas); destacaram a noção de *pessoa* ou de “papéis” desempenhados pelo falante e ouvinte na situação de discurso. As noções de “*speaker*” e “*addressee*” propostas pelos referidos autores se aproximam das noções de *jibun* e *aite* propostas por Takahashi. O conceito de “coesão de texto” proposto por Halliday e Hasan se aproxima de uma das funções do *bunmyaku shiji* proposto pelos autores japoneses.

Jakobson, no capítulo intitulado “*Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe*”⁽⁶⁾, discutiu a função dos pronomes enquanto “embreantes” que remetem obrigatoriamente ao discurso. Verificamos que essa função apontada por Jakobson pode ser aproximada à noção de “conceito de relação” enfocada pelos estudiosos japoneses. Igualmente, as noções de *bamen*, *ba*, *jibun*, *aite*, *sorai* e *wazai* propostas por Ide, Takahashi e outros encontram-se inseridas na análise dos “embreantes” proposta por Jakobson. Com efeito, o autor aponta as noções de “processo do enunciado”, “processo de enunciação”, “protagonista do processo do enunciado”, “protagonista do processo de enunciação”, “assunto enunciado” etc.

Há, ainda, inúmeros gramáticos e lingüistas que trataram, com propriedade, do problema dos mostra-ativos. Entretanto, foge ao objetivo deste trabalho uma apresentação completa dos estudos desenvolvidos pelos lingüistas ocidentais sobre a dêixis e a anáfora. Uma excelente resenha já foi realizada por Ignácio Assis da Silva, em seu

(3) BENVENISTE, Emile. *Problemas de Lingüística Geral*.

(4) LYONS, John. *Introdução à Lingüística Teórica*.

(5) HALLIDAY & HASAN. *Cohesion in English*.

(6) JAKOBSON, Roman. *Essais de Linguistique Générale*.

trabalho *A Dêixis Pessoal* e, mais recentemente, pelo Professor Isaac Nicolau Salum, em seu notável artigo "As Vicissitudes dos Dêiticos-Anafóricos" (7).

É uma de nossas intenções, em um futuro trabalho, realizar um estudo comparativo entre a lingüística japonesa e a lingüística ocidental, a respeito da dêixis e da anáfora, bem como de outros temas. Insistimos em que o nosso objetivo fundamental, nesta parte do trabalho, foi o de procurar delinear a maneira segundo a qual os autores japoneses perceberam o fenômeno da dêixis e da anáfora.

3 — REDEFINIÇÃO E RECLASSIFICAÇÃO DA DÊIXIS E DA ANÁFOIA

Com o objetivo de estudar os valores gerais da dêixis e da anáfora da língua japonesa moderna — sem pretender, contudo, esgotar o problema — tentaremos, nesta parte do trabalho, estabelecer uma redefinição e uma reclassificação desses elementos, tendo como base, por um lado, as principais definições encontradas nas obras referidas no item anterior e, por outro, as reflexões e os resultados obtidos pela análise do *corpus*.

Provisoriamente, havíamos tomado, nas *Considerações Preliminares sobre a dêixis e a anáfora* (cf. parte 1 deste trabalho), as definições propostas por Ignácio Assis da Silva, segundo o qual os *dêiticos* seriam elementos cuja característica básica é a de designar-se pela dimensão pragmática da linguagem, isto é, pela relação signo-usuários; e os *anafóricos* seriam os mostrativos cuja característica básica é a de se definir pela função sintática da linguagem, isto é, pelas relações que contraem com os outros signos da mensagem, substituindo-os.

Entretanto, após analisarmos com cuidado os exemplos levantados no *corpus* (cf. parte subsequente) pudemos verificar que os *mostrativos anafóricos* podem, conforme sugeriu Ide Itaru, — a exemplo do que ocorre com os *dêiticos* — estabelecer igualmente um conceito de relação entre o remetente e o discurso. Analogamente, os *mostrativos dêiticos* podem — a exemplo do que ocorre com os *anafóricos* — substituir um elemento já enunciado anteriormente ou a ser enunciado posteriormente no discurso. A diferença básica que os distingue reside no fato de que os *anafóricos* retomam e substituem um elemento anterior ou posterior no interior de um mesmo contexto, onde o remetente é único: é um remetente único que retoma ou antecipa um segmento enunciado na sua própria fala; os *dêiticos*, por outro lado, retomam um segmento de um outro discurso, diferente do contexto que o contém, onde o destinatário do primeiro se transforma em remetente e este em destinatário.

(7) SALUM, Isaac N. In: *Eurípedes Simões de Paula - in memorian*, 1983.

Para a explicação dessas noções, parece-nos fundamental a teoria de *ba* proposta por Takahashi. Com efeito, o *ba* “situação de enunciação”, tem sempre como foco central o eu-remetente da mensagem. No momento da atualização do enunciado, o remetente configura um *ba* específico e cada vez único. Para facilitar a compreensão, designaremos esse remetente por *x*. O destinatário, ao retomar um elemento qualquer contido no enunciado do remetente *x*, estará, por sua vez, construindo um novo *ba*, onde ele (destinatário) será agora o ponto central e, consequentemente, o remetente (que designaremos por *y*). Cada qual (*x* e *y*), enquanto remetentes, configura seu respectivo *ba*, imprimindo a este um caráter de subjetividade peculiar e cada vez único. Ao retomar um elemento contido no enunciado de *x*, o destinatário, que agora se transformou em novo remetente (*y*), estará imprimindo ao mostrativo, em primeiro lugar, um *conceito de relação* entre ele (*y*) e o objeto enunciado anteriormente por *x*; em segundo lugar, estará imprimindo ao mostrativo um *caráter de substituição*, na medida em que retoma um objeto que já foi enunciado por *x*.

Em contrapartida, quando esse mesmo remetente *x* retomar ou antecipar um objeto do mesmo *ba* instituído por ele, teremos a configuração do uso anafórico do mostrativo.

Por meio dos exemplos abaixo, tentaremos ilustrar melhor as duas funções:

I. função anafórica

- 1) *Nyôbô: Jaa zenbu (okaneo) okaeshiyo. SOREga iyanara isshoni oideyo.*

“Esposa: Então, devolva todo (o dinheiro). Se não quiser fazer isso, venha junto.”

(ABE, Kôbô. *Seifuku*, “O Uniforme”, p. 327)

No exemplo 1, o mostrativo **SORE**, “esse”, retoma toda a frase anterior e se insere dentro da mesma situação de enunciação (*ba*) instituída por um único remetente, ou seja, a “esposa”. Em outras palavras, tanto o anafórico **SORE** quanto seu antecedente têm o mesmo sujeito da enunciação.

- 2) *Seinen: /.../ kinôno akegatadattayo. Nemutte iru tokoroo hittukamatte **SOREkara** ni jikan /.../ tada bunnaguraretanda. Suppadakadene. **SOREmo** tetsuno bôdeda /.../ **KOREde** shinanakya dôka shiteruyo.*

“Jovem: /.../ foi ontem de madrugada. Fui pego quando dormia, e depois disso /.../ fiquei o tempo todo apanhando, durante duas horas E, pelado... Além disso, (apanhando) com

um bastão de ferro. / . . . / Com tudo *isto*,
só podia morrer.”

(*Seifuku*, “O Uniforme”. Kôbô Abe, p. 316)

Da mesma forma, no exemplo 2, temos um sujeito da enunciação — o “jovem” — que enuncia “fui pego enquanto dormia, ontem de madrugada” e retoma esta idéia por meio do mostrativo *SORE*, dentro de uma única situação de enunciação. O traço diferenciador entre *SORE*, “isso”, e *KORE*, “isto”, é que, no primeiro, o remetente interpreta o antecedente como algo já conhecido e, por isso, inserido dentro da área de domínio do destinatário; no segundo, o remetente interpreta o antecedente de *KORE* (o fato de ter apanhado) como algo inserido exclusivamente dentro de sua área de domínio: ele quer enfatizar seu sofrimento.

Assim, além do seu traço de substituição, os anafóricos podem também apresentar a propriedade de estabelecer uma relação de tensão subjetiva entre o remetente e o destinatário. O traço subjetivo que caracteriza não só a função dêitica dos mostrativos, mas também os anafóricos, encontra-se relacionado com a noção de *nawabari*, “área de domínio” dos interlocutores, proposta por Ide, Takahashi, Watanabe, Horiguchi etc. Vejamos no exemplo abaixo:

Fumimaro: Mattaku niekiranaime, kimito iu yatsuwa.
... *SOREdakara minnani iwarerundayo.*

“Fumimaro: Mas você é mesmo um cara indeciso, hein!
É por isso que todos falam de você.”

Kiyohara: Umu . . .

“Kiyohara: Hum . . . ”

(*Nayotake*, “Nayotake”. Michio Katô, p. 16)

No exemplo dado, o anafórico *SORE*, além de substituir a frase anterior, conota a subjetividade de Fumimaro que interpreta o antecedente deste *SORE* — o fato de considerar a personagem Kiyohara como indeciso — como sendo um fato que pertence unicamente ao interlocutor, ou melhor, à área de domínio de Kiyohara. Fuminaro procura apontar a “indecisão de Kiyohara” como algo alheio a ele (Fumimaro).

Em outras palavras, diremos que os mostrativos de função anafônica são aqueles que o remetente utiliza para retomar ou antecipar um elemento contido em sua própria fala, dentro de um único *ba*, construído por ele. Os anafóricos, pois, instituem uma relação de mostraçâo no interior de um discurso configurado por um *ba* único;

o antecedente substituído pelo mostrativo deve pertencer também à fala do mesmo remetente que a substitui.

Além dessa função de substituição, o anafórico pode também instituir um conceito de relação subjetiva entre o remetente e os objetos ou o(s) interlocutor(es) do discurso.

Assim sendo, podemos dividir os anafóricos em duas classes, de acordo com suas funções:

1. anafóricos que simplesmente substituem um segmento do contexto, sem conotar implicações com a posição subjetiva dos protagonistas do discurso;
2. anafóricos que, além de substituírem um segmento do contexto, conotam certa subjetividade do remetente em relação ao discurso ou ao seu interlocutor.

Adotando a terminologia de Itaru Ide, denominaremos os primeiros de *zettai shiji* (“anafóricos absolutos”) e os últimos *sôtaiteki shiji* (“anafóricos relativos”).

Os **anafóricos absolutos** têm, pois, como característica básica a função de substituir elementos do contexto lingüístico, sem, contudo, instituir qualquer relação com as pessoas do discurso. Ocorrem em forma de *SO* (“esse”) e não podem ser substituídos por outras formas, isto é, por *KO* (“este”) ou *A* (“aquele”).

Tomemos, para exemplificar, as seguintes frases:

1. *Hitoo mitara SOREo (hito) dorobôto omoe.*
“Ao ver uma pessoa qualquer, considere-a (essa pessoa) uma ladra.”
2. *Sugu amega agarukara SOREo (amega agaru) matte inasai.*
“Vai parar de chover logo; portanto, espere por isso (parar de chover.”
3. *Tarôno sakuhin'o Jirôno SOREto (sakuhin) kuraberu.*
“Comparo a obra de Tarô com essa (obra) de Jirô.”

Os anafóricos absolutos *SORE* das três frases apenas substituem os elementos anteriores (*hito*, “pessoa”, na frase 1, *amega agaru*, “parar de chover”, na frase 2, e *sakuhin*, “obra”, na frase 3), sem que estas substituições impliquem qualquer relação com as pessoas do discurso.

Os **anafóricos relativos** têm como característica dois traços:

- a) o de substituir um elemento do contexto (ora antecipando-o, ora retomando-o) — *relação signo-signo*;

- b) o de estabelecer uma relação de subjetividade entre o remetente e o signo denotado ou o destinatário — *relação signo-usuários*.

Com efeito, verificamos que os anafóricos contidos nos exemplos abaixo apresentam, não só o traço de substituição, como também, o traço subjetivo imprimido pelo remetente com relação ao objeto referido:

- 1) *Tsuini ichidoruga nihyakuenni natta. KOREwa daimondaida.*

“Por fim, um dólar passou a custar duzentos ienes. Isto é um problema sério.”

- 2) (O pai diz ao filho)

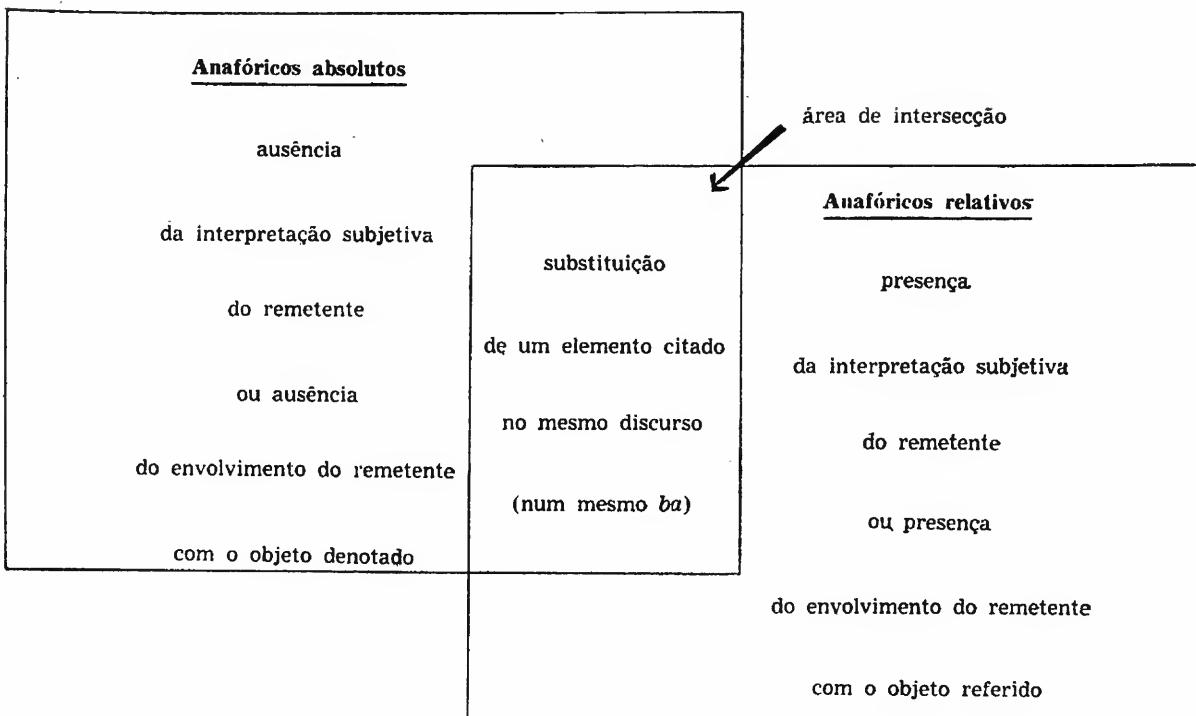
Omaewa dômo konogoro Kiyoharano musukoya Onono kodomo tachito isshoni natte, yare “waka”-o tsukutte mitari “koimonogatari”-o kaite mitari shite irurashikeredo, AREdakewa otôsan dôshitemo kini kakatte shikataganai.
“Parece que você vem, ultimamente, junto com o filho de Kiyoshara e os filhos de Ono, escrevendo poesias e romances de amor, mas *aquilo* está me deixando preocupado.”

(*Nayotake*, “Nayotake”. Michio Katô, p. 24)

No exemplo 1, vemos que o anafórico *KORE* substitui a frase anterior e, ao mesmo tempo, estabelece a posição subjetiva do remetente com relação ao fato de “o dólar ter atingido a quantia de 200 ienes”: trata-se de um “problema sério” que afeta psicologicamente o remetente; é um fato com o qual o remetente se sente envolvido. Caso contrário, teria utilizado o mostrativo *SORE*, “isso”, ou *ARE*, “aquilo”, impelindo o assunto para fora de sua área de influência, considerando-o como um assunto distante, de pouco envolvimento. No exemplo 2, temos em *ARE* igualmente o traço de substituição e o traço subjetivo imprimido pelo remetente: *ARE* substitui a idéia “você está ultimamente escrevendo poemas e romances de amor com os filhos de Kiyohara e Ono”, mas, ao mesmo tempo, conota a idéia de *nawabari*, “área de domínio”, onde ambos — remetente e destinatário — encontram-se inseridos. O reconhecimento, por parte do pai, de que o filho também se insere em sua área de domínio estabelece a área do *nós*, isto é, a relação de “pessoas do discurso”, reservada pelos linguistas ocidentais somente aos mostrativos déiticos.

É interessante frisarmos, novamente, que também os anafóricos remetem às pessoas do discurso. Os anafóricos podem também estabelecer a relação subjetiva entre o remetente e o objeto referido, ou entre o remetente e os demais protagonistas do discurso.

Por meio do esquema apresentado a seguir, julgamos ser possível perceber os pontos de contacto e os pontos de divergência entre os anafóricos absolutos e os anafóricos relativos:



II. função dêitica

Os mostrativos dêiticos apresentam como característica a função de instituir uma relação de mostraçāo subjetiva entre o remetente e o discurso, configurando uma relação signo-usuários. Além dessa dimensão pragmática, os mostrativos dêiticos podem também instituir uma relação de substituição de um elemento contido na situação de enunciação (*ba*) anterior. Os dêiticos se realizam dentro de uma situação de enunciação, cada vez única, que a contém. Quando o destinatário de um enunciado anterior assume o papel de um novo remetente, constrói um novo *ba* e pode retomar um elemento do *ba* anterior, substituindo-o. Ocorrendo mudança do eixo central — o remetente —, há mudança de *ba*.

Assim, os mostrativos dêiticos podem também desempenhar a função de substituir ou de retomar um elemento do contexto, embora esse contexto deva constituir necessariamente um *ba* construído por um outro remetente que não esse que agora enuncia.

Analisemos os diálogos abaixo:

- 1) *Otoko 4: Ma, watashimo sô omotte irebakoso betsuni kotomo aradatenaide kôshite matte irundesugane.*

“Homem 4: Bem, exatamente por eu também pensar assim é que estou assim quieto, sem dificultar as coisas, sabe...”

Otoko 5: SONO hôga kachidesuyo.

“Homem 5: Você sairá ganhando com isso (desse jeito).”

(*Nayotake*, “Nayotake”. Michio Katô, p. 30)

O dêitico *SONO*, “esse”, determina, por um lado, a relação entre a personagem “homem 5” e o conteúdo enunciado pela personagem “homem 4” e, por outro, a retomada desse conteúdo enunciado anteriormente pela personagem “homem 4”, substituindo-o.

A relação estabelecida entre o remetente e o objeto referido por *SONO* é de natureza subjetiva: o remetente reconhece o antecedente de *SONO* como sendo um fato inserido dentro da área de domínio do destinatário, isto é, dentro da área de domínio que não lhe pertence.

Por outro lado, a substituição efetivada por *SONO* tem como antecedente o conteúdo inserido no *ba* do remetente anterior, o que vale dizer que o mostrativo dêitico pode realizar a função de substituição de um segmento contido num *ba* diferente daquele em que se encontra inserido.

Verifiquemos um outro exemplo em que Teijirô se dirige a Chiyoko, sua mulher:

Teijirô: Kimino maboroshini demasarete iru nowa KIMI hitorida. /.../ Iikai, daremo KIMI no koto nanka kangaete iru yatsuwa inaindaze. KIMI to BOKU wa sekaini FUTARIkkirida. Korega kateito iu monoda.

“Teijirô: Você é a única que está sendo enganada por sua própria ilusão. /.../ Olha, não há ninguém que pense em você, viu? Só nós dois no mundo: você e eu. Isto é que se chama família.”

(*Kataku*, “Vida de Sofrimentos”. Yukio Mishima, p. 58)

Nesse exemplo, verificamos que os mostrativos dêiticos *KIMI*, “você”, *BOKU*, “eu”, e *FUTARI*, “nós dois”, estabelecem a situação de enunciação (*ba*) e definem os protagonistas implicados na mensagem. Os indivíduos designados por *KIMI*, *BOKU* e *FUTARI* só podem ser identificados pela instância de discurso em que ocorrem: *BOKU*, “eu”, só pode ser definido como o “marido Teijirô que remete uma mensagem para sua mulher”, dentro da presente instância de discurso; igualmente *KIMI*, “você”, só se define como a “esposa Chiyoko, destinatário da mensagem veiculada por Teijirô”, dentro dessa mesma situação de enunciação que é construída intencionalmente pelo remetente. Da mesma forma, os indivíduos designados por *FUTARI*, “nós dois”, ou seja, o remetente Teijirô e o destinatário Chiyoko, só podem ser identificados pela instância de discurso em que ocorrem.

Nos dêiticos *BOKU*, “eu”, e *KIMI*, “tu”, temos claramente a relação de oposição ou a relação de tensão entre o remetente que enuncia e o destinatário que recebe a mensagem: *BOKU* vs. *KIMI*, cada qual delineando sua respectiva área de domínio (seu próprio *nawabari*) onde o eixo central de referência é o remetente. Em *FUTARI*, “nós dois”, entretanto, temos, tanto o remetente quanto o destinatário inseridos, por vontade exclusiva do remetente, dentro de uma única área de domínio.

Cabe aqui uma aproximação com Benveniste⁽⁸⁾, quando este destaca com clareza e propriedade, a função de “unicidade” específica dos mostrativos pessoais *eu* e *tu*: o *eu* que enuncia e o *tu* ao qual o *eu* se dirige são cada vez únicos; são identificáveis somente dentro da situação em que ocorrem.

Segundo essa perspectiva, o *eu* — remetente Tei jirô, o *tu* — destinatário Chiyoko e o *nós dois* — Tei jirô e Chiyoko, são definíveis somente dentro daquela situação de enunciação construída por Tei jirô, no exemplo citado.

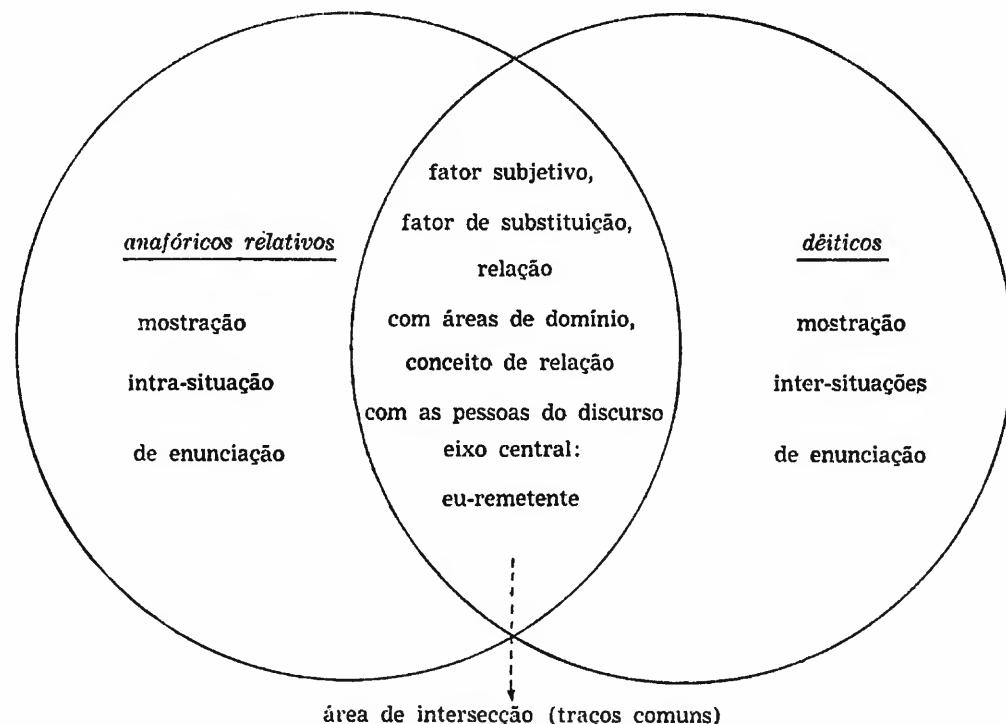
Os mostrativos têm, portanto, não só a propriedade de se definir pela instância de discurso como também a de definir os participantes do discurso mediante construção do *ba*, efetivada pelo remetente. O eixo central do processo comunicativo se encontra, pois, inerente à figura do remetente.

Se tanto os anafóricos quanto os dêiticos podem instituir uma relação subjetiva entre o remetente e o objeto denotado, quais serão, então, seus traços diferenciadores?

Diremos que o traço diferenciador está no fato de os primeiros se referirem a um segmento de um único *ba* e os últimos de instituírem uma relação de mostraçâo de um *ba* para outro. Portanto, sintetizando, temos:

- | | |
|--|---|
| anafóricos — mostraçâo subjetiva ou não-subjetiva intra-situação de enunciação (<i>ba</i> único) | dêiticos — mostraçâo subjetiva inter-situações de enunciação (<i>ba</i> diferentes) |
|--|---|

Os traços comuns entre os dêiticos e os anafóricos encontram-se, conforme figura abaixo, inseridos dentro da área de intersecção dos dois círculos.



(8) BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*, 1976, p. 253.

4 — DELIMITAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

A pretensão inicial deste trabalho foi a de realizar um estudo dos mostrativos da língua japonesa moderna que permitisse, pela sua variedade de formas ou expressões, chegar a uma visão geral do seu sentido e do seu funcionamento. Pretendíamos estudar o conjunto de palavras que, em japonês, designassem mostrando, em vez de conceituar. Teríamos, pois, de levantar um infindável número de palavras cujo sentido variasse de acordo com a situação de enunciação. Palavras como "eu", "papai", "ontem", "aqui" só permitem definir suas referências, se inseridas dentro da situação de enunciação em que ocorrem, relacionadas que estão, ao eu-remetente ou ao tempo da enunciação. Ingenuamente pretendíamos, então, fazer um levantamento, não só dos mostrativos pessoais e demonstrativos, mas também dos advérbios (*substantivos*, em japonês) de tempo e de lugar; dos verbos como *yaru*, "dar", *morau*, "receber", e *kureru*, "dar" que em japonês têm relação intrínseca com as pessoas do discurso; das expressões de tratamento portadoras de noções de modéstia, respeito, polidez e desprezo; de expressões tais como *i jō*, "acima referido", *migi*, "lado direito", *zensha*, "primeiro", *kôsha*, "o último" etc.

Entretanto, dada a complexidade e amplitude do problema, uma abordagem dessa natureza, neste momento, traria grandes dificuldades de ordem prática, não só na própria coleta de dados, mas na sua classificação e organização. Ficou clara, pois, a inconveniência de se abordar, num trabalho desta natureza, uma gama tão grande de elementos. Só nos restava, então, fazer uma redução radical.

Se o que nos interessava mais de perto era a subjetividade na linguagem, governada pelo fator psicológico e, como consequência, o fator social que governa o remetente das mensagens, pareceu-nos pertinente optar pelo estudo dos chamados "pronomes pessoais" e "demonstrativos" da língua japonesa que, por sua natureza, contém relação intrínseca com a noção de *pessoas do discurso*.

Por outro lado, a relação de proximidade/distanciamento psicológico entre o remetente e o destinatário ou entre o remetente e o conteúdo do enunciado e a definição das áreas de domínio dos componentes do discurso — ambos constantemente presentes tanto nos "pronomes pessoais" quanto nos "pronomes demonstrativos" da língua japonesa — não nos permitiram descartar um ou outro na análise que pretendíamos realizar nesta dissertação. Não podíamos refletir sobre a centralidade da pessoa no discurso, sem estudar os "pronomes pessoais" e os "pronomes demonstrativos".

Foi esta a razão que nos levou a fazer um levantamento dos tradicionalmente chamados "pronomes pessoais" e "pronomes demonstrativos" da língua japonesa moderna, valendo-nos de textos de alguns autores japoneses, igualmente modernos, considerados representativos dentro do mundo das letras do Japão.

As obras das quais retiramos os dados para a constituição do *corpus* de nosso trabalho foram as seguintes:

1. Michio Katô. *Nayotake*, "Nayotake", 1946.
2. Yukio Mishima. *Kataku*, "Vida de Sofrimentos", 1948.
3. Yukio Mishima. *Sotoba Komachi*, "Sotoba Komachi", 1952.
4. Kôbô Abe. *Seifuku*, "O Uniforme", 1955.
5. Kôbô Abe. *Bôni Natta Otoko*, "O Homem que virou Bastão", 1969.
6. Sawako Ariyoshi. *Mizuto Hôseki*, "A Água e a Pedra Preciosa", 1959.

Das obras escolhidas, as cinco primeiras são peças de teatro, das quais pudemos levantar um número satisfatório de diálogos que nos permitiram tomar conhecimento das múltiplas ocorrências de signos mostrativos em ato de fala e de situações de discurso por meio das quais desenvolveremos esta parte do trabalho; somente a última — a obra de Ariyoshi — constitui um conto, de onde pudemos ver mais claramente as situações de discurso onde o remetente é o próprio narrador e o destinatário, o leitor.

A razão pela qual optamos por um número maior de peças de teatro do que de textos narrativos (o caso do conto) se deveu ao fato de termos procurado levantar situações de diálogos onde os enunciados, evidentemente mais ligados às pessoas do discurso, possibilissem, mediante testes de comutação e permutação, a análise da subjetividade dos mostrativos, ou melhor, a análise das relações que opõem entre si os vários protagonistas do discurso, baseadas na relação de tensão dialética entre remetente, destinatário e mensagem. Os textos mais narrativos permitiram analisar apenas os mostrativos que determinam a posição do autor-remetente em relação ao leitor-destinatário. Em razão disso, as situações de enunciação ficariam restritas a um campo muito limitado.

Por meio dessas obras, chegamos a levantar cerca de mil mostrativos. Entretanto, nosso trabalho não visa à análise quantitativa, mas qualitativa, razão pela qual não analisaremos quantitativamente a incidência de um ou de outro. Ficaremos restritos à análise das suas várias formas de ocorrência e ao sentido que exprimem dentro das várias situações. Levantaremos apenas os exemplos que justifiquem essa análise qualitativa.

Os exemplos em língua japonesa, por meio dos quais tentaremos ilustrar ou comprovar nossas afirmações, serão acompanhadas de suas respectivas traduções. Entretanto, ficaremos restritos a traduções literais ou simplesmente adaptadas para o português para que se

evidenciem as diferenças da estrutura dos mostrativos japoneses com o português.

Os mostrativos japoneses, tanto os que apontam as pessoas quanto os objetos, as coisas, os lugares, as direções etc. se caracterizam pela relação de subjetividade que lhes é imprimida pelo remetente no momento da enunciação. A subjetividade na linguagem, destacada incisivamente pelos autores japoneses estudados, é entendida como a posição do remetente perante a mensagem, isto é, a maneira intencional segundo a qual o remetente estabelece a situação de enunciação, onde ele se posiciona como o *sujeito* (*shutai*, segundo Tokieda) remetendo-se a si mesmo como o *eu-remetente*. É ele que, colocando-se a si próprio como o eu-remetente e projetando um *tu-destinatário*, converte a língua em discurso. No momento da enunciação, o eu-remetente estabelece, através dos mostrativos (e de outros elementos que enuncia), a relação subjetiva entre ele e o destinatário ou entre ele e o discurso.

Essa subjetividade permite delimitar o que Sakuma, Ide, Watanabe, Takahashi, Horiguchi e outros denominaram “áreas de domínio” ou “círculos de influência” do remetente, do receptor e dos demais elementos não pertencentes ao eixo *eu-tu*. Ao delimitar essas áreas de domínio no momento da enunciação, o remetente estará forçosamente levando em conta o aspecto da relação de tensão entre ele e o destinatário ou entre eles e os elementos do discurso.

No nosso entender, na língua japonesa, essa “relação de tensão” é um dos fundamentos básicos que leva o remetente a se conscientizar da presença do destinatário a cada momento em que atualiza um enunciado.

4.1. Os mostrativos pessoais

Como se recorda, Fumihito Ôtsuki (1889) já observava, implicitamente, a inadequação da denominação das três pessoas do discurso em 1^a pessoa, 2^a pessoa e 3^a pessoa — pois estes termos não significam “eu-remetente”, “tu-destinatário” e “outras pessoas situadas fora do eixo *eu-tu* — e adotava para tais termos as denominações *ji shô*, *tai shô* e *tashô*, respectivamente. Com efeito, colocar numa ordem constante e definir as três categorias de pessoa por três termos situados no mesmo plano significa abolir a noção de *pessoa*. Por esta razão, adotaremos as denominações propostas por Ôtsuki (e tantos outros) para os “pronomes” tradicionalmente chamados de 1^a, 2^a e 3^a pessoas. Assim, *ji shô* significa “pronomes de auto-designação”, onde o falante se posiciona como o eu-remetente da mensagem; *tai shô* significa o “tu-destinatário”, o interlocutor que se opõe ao eu-remetente; e *tashô* os “elementos que não pertencem ao eixo *eu-tu*” do ato de fala.

A título de exemplificação, os gramáticos japoneses costumam citar os seguintes mostrativos pessoais:

j i shô: watashi, watakushi, boku, ore;
t ai shô: anata, anta, kimi, omae;
t ashô: kono kata, sono kata, ano kata, kare, kanojo.

Entretanto, a lista dos mostrativos pessoais não se resume apenas nesses termos. Dada a constante conscientização e preocupação por parte do remetente com o destinatário ou com as outras pessoas referidas no discurso, os mostrativos pessoais ocorrem de maneira variada, apresentando inúmeras formas.

Originariamente, havia, na língua clássica, os mostrativos pessoais *wa* (*j i shô*), *na* (*t ai shô*) e *KO-SO-KA* (*tashô*). A forma *wa* designava modéstia e *na*, respeito. Ao longo do tempo, as formas *wa* e *na* foram desaparecendo, sendo substituídas por substantivos que possuíam sentido de modéstia ou de respeito. A forma *watakushi*, “eu”, por exemplo, utilizada na língua moderna, surgira por volta do século XVI como substantivo com o sentido de “coisa privada”, em oposição a “coisa pública”. A “coisa privada” era considerada “não-nobre” porque “modesta”, oposta à “coisa pública”, isto é, algo que merece respeito, que é “nobre”.

Seguindo-se esse processo, como regra geral, os mostrativos pessoais que designam *eu* e *tu* conotam, respectivamente, sentido de modéstia e de respeito. Evidentemente, alguns dos mostrativos pessoais tiveram seus sentidos invertidos: algumas palavras que significavam respeito passaram, na língua moderna, a conotar desprezo. Por exemplo, *omae*, “você”, na língua moderna conota desprezo.

Preocupar-se com o destinatário ou com as outras pessoas do discurso levou o falante japonês a elaborar um número grande de mostrativos pessoais ligados à noção de “valor de tratamento”, isto é, ligados às noções de polidez, modéstia, respeito, desprezo etc.

Por meio do levantamento do *corpus*, pudemos apreender várias dessas formas:

a) *j i shô* (designação do eu-remetente)

— *k o ch i r a* (forma mais polida), *k o t ch i* (forma menos polida), “eu”, “nós”⁽⁹⁾, uso masculino ou feminino; conota elegância relacionada às palavras do remetente.

Ex: *K imi, tanomimasu . . . KOCHIRAmo shigoto nanda.*
Wakatte kudasaiyo.

“Você, faça o favor . . . eu também estou de serviço.
Entenda, por favor.”

(9) Os mostrativos pessoais não apresentam, em japonês, marcas de gênero ou número. São distinguidos pela situação de enunciação. Alguns poucos mostrativos pessoais são utilizados no plural acrescidos dos sufixos *-TACHI* ou *-RA*. Por exemplo: *boku*, “eu” → *bokuTACHI*, *bokuRA*, “nós”.

(*Bôni Natta Otoko*, “O Homem que virou Bastão”. Kôbô Abe, p. 47)

- *temae*, “eu”, uso masculino; noção de modéstia; No segmento abaixo, temos o ancião de *Nayotake*, falando para o *dainagon* (conselheiro — um dos cargos mais altos da nobreza).

Ex: *Nayotakemewa TEMAEno* ⁽¹⁰⁾ *kodomodewa gozarimasenu.*

“A Nayotake . . . , aquela não é *minha* filha.”

- *a t a shi*, “eu”, uso feminino; utilizado quando o remetente se dirige a um destinatário com quem tem um relacionamento familiar ou íntimo. No exemplo seguinte, temos a garota *Nayotake* falando com o ancião, seu pai:

Ex: *O t ô s a n , ATASHIwa anatano kodomodewanainone.*
“Papai, *eu* não sou sua filha, não é?”

(*Nayotake*, “Nayotake”. Michio Katô, p. 26)

- *w a t a k u s h i*, “eu”, uso masculino ou feminino; mais formal do que *watashi* ou *atashi*; conota modéstia e polidez. Na frase abaixo, vemos o conselheiro (ou ministro) dirigindo-se ao ancião.

Ex: *Daimagon, Ôtomonô Sukume no Miyuki . . . WATA-KUSHIdesu.*

“Sou *eu*, o Conselheiro, Ôtomonô Miyuki.”

(idem, p. 26)

- *wareware*, “nós”, uso masculino; conota modéstia. A personagem Fumimaro, da obra *Nayotake*, conversa com Kiyoharano Hideomi:

Ex: *WAREWAREwa korede tashikani nayotakeno ieno hôkôe ayumitsutsu arunokai.*

“Tem certeza de que, indo nesta direção, *nós* estamos caminhando na direção da casa de *Nayotake*?”

(idem, p. 16)

- *boku*, “eu”, *bokutachi*, “nós”, uso masculino; conota noção de modéstia. Fumimaro fala para Kiyohara:

Ex: *BOKUwane shimpainandayo. BOKUTACHIno kono keikakuga kaette nayotakeo okorashichimaunjanai-kato omotte*

“Sabe, *eu* estou preocupado . . . achando que esse *nossa* plano (de *nós*) pode, ao contrário, fazer *Nayotake* ficar furiosa . . . ”

(Idem, p. 17)

(10) Cabe lembrar que o japonês não possui o possessivo, utilizando, para indicar posse, o demonstrativo pessoal ligado à partícula *NO* que indica o caso genitivo.

- *ore*, “eu”, uso masculino; conota modéstia, sem polidez.

Ex: *OREwane gamansuru kotoni nareterundayo.*

“Sabe, *eu* estou acostumado a suportar com paciência, viu?”

(*Seifuku*, “O Uniforme”. Kôbô Abe, p. 325)

A lista ainda é grande, mas acreditamos não haver necessidade de esgotá-la exaustivamente. Tentaremos, por meio da análise dos exemplos, tirar algumas conclusões no final deste item.

b) *taishô* (designação do tu-destinatário)

- *anata*, “o senhor”, “a senhora”, uso masculino ou feminino; conota respeito e polidez.

Ex: *Bokutachiwa ANATAno musumesan’o tasukeni yatte kitandesu.*

“Nós viemos para salvar a *sua* (de você) filha.”

(*Nayotake*, “Nayotake”. Michio Katô, p. 27)

- *anta*, “você”, forma degenerada de *anata*; conota respeito.

Ex: *Higeto ANTAno nyôbôwana, shittete ANTÀo kora-shitchattandesa.*

“O Barba e *sua* mulher (de você), sabiam (disso) e deixaram que você se congelasse.”

(*Seifuku*, “O Uniforme”. Kôbô Abe, p. 326)

- *omae*, “você”, uso masculino; conota intimidade e desprezo.

Tei jirô se dirige para sua mulher:

Ex: *OMAEno monono i ikatawa hendayo.*

“O modo de você falar é estranho.”

(*Kataku*, “Vida de Sofrimentos”. Yukio Mishima, p. 53)

- *kisama*, “você”, uso masculino; conota noção de desprezo.

O “homem do uniforme” fala para o “jovem”, com quem tem certa intimidade:

Ex: *Sôka, korosaretanoka...KISAMAni...*

“Ah é? foi morto por você”

(*Seifuku*, “O Uniforme”. Kôbô Abe, p. 316)

- *ki mi*, “você”, uso masculino; conota intimidade; é utilizado para pessoas cuja hierarquia é equivalente ou inferior à do remetente.

Fumimaro fala para Kiyohara, seu companheiro:

Ex: *Bokuwa KIMIni kagitte sonna iku jino nai otokodatowa shinjitakuwanainda.*

“Eu não quero acreditar que justamente você seja um homem assim, sem brio.”

(*Nayotake*, “Nayotake”. Michio Katô, p. 17)

Para que a exposição não se torne demasiadamente cansativa, citaremos apenas mais alguns mostrativos pessoais desta classe:

- *otaku*, “senhor(a)”, uso masculino e feminino; conota respeito.
 - *temae*, *temee*, “você”, uso masculino; conota sentido de desprezo.
 - *sochira*, “senhor(a)”, uso masculino e feminino; conota respeito.
 - *shokun*, “senhores”, uso masculino; conota baixo grau de respeito; equivale a *ki mi*.
- c) *tashô* (designação dos elementos pertencentes fora do eixo *eu-tu*)
- *kare(ra)*⁽¹¹⁾, “ele(s)”, uso masculino ou feminino; sem conotação de valor de tratamento.

Ex: /.../ *aishiatteiru wakai hitotachi*, /.../ **KARE-RAGA** *miteiru hyakubaimo utsukushii sekai*, sô iu *monoo sonkeisurunda*.

“/.../ os jovens apaixonados, o mundo cem vezes mais belo que eles vêem, é isso o que eu prezo.”
(*Sotoba Komachi*, “Sotoba Komachi”. Yukio Mishima, p. 149)

- *ano hito*, “aquele pessoa”, uso masculino e feminino; conotação de valor de tratamento em oposição a *ano kata* (respeito) e *aitsu* (desprezo).

Ex: *Shikashi kimiwa sakukanaa, akai hanani, desutte. Kizadawa ANOHITO.*

“Será que você vai desabrochar, em flor vermelha, disse. Ele é desagradável!”

(*Mizuto Hôseki*, “A Água e a Pedra Preciosa”.

Sawako Ariyoshi, p. 237)

- *aitsu*, “ele”, normalmente de uso masculino; conota noção de desprezo.

No exemplo abaixo, *ai t su* é utilizado por uma mulher referindo-se ao marido; indica sua classe social baixa,

(11) *Kare* era um mostrativo que indicava, na língua clássica, noção de distância, mas caiu em desuso. Por influência da língua estrangeira, no momento de traduzi-la, surgiu a necessidade se criar uma forma para a chamada “3ª pessoa”: a forma *kare* foi, então, retomada, sem, entretanto, essa noção de distância. Por analogia, criou-se também a forma *kanojo*, “ela”, como forma feminina de *kare*: utilizou-se **KA**, de *kare*, e acrescentou-se-lhe a partícula *NO* e a palavra *jo*, que, em chinês, significava “mulher”.

inserida que está dentro de um círculo social degradante:

Ex: / . . . / **AITSU** shindekaramade watashio mechamechani shiyagattanda.

"Ele (aquele desgraçado), mesmo depois de morto, me destruiu."

(*Seifuku*, "O Uniforme". Kôbô Abe, p. 324)

— *yatsu*, "ele", uso masculino; conota desprezo.

Nani, YATSUmo gudengudensa. Wakaru monka.

"Que nada! Ele também está bêbado. Não vai nem saber."

(Idem, p. 315)

Temos ainda, dentre outros:

- *yarô*, "ele", uso masculino; conota desprezo;
- *renchyû*, "eles", uso masculino; conota desprezo;
- *kono kata*, "esta pessoa", uso masculino e feminino; conota respeito;
- *sono kata*, "essa pessoa", uso masculino e feminino; também conota respeito;
- *yakkosan*, "você", uso masculino; conota intimidade ou noção de leve depreciação.

Como pudemos perceber pelos exemplos levantados, a mostração das pessoas do discurso, em japonês, ocorre por meio de inúmeras formas, de acordo com o grau de relacionamento psicológico e com a natureza do relacionamento social entre o remetente e o destinatário para quem aquele dirige sua mensagem. É por esta razão que grande parte dos mostrativos pessoais contêm, em si, noções de modéstia, respeito, polidez, desprezo etc. Voltaremos a discutir o assunto mais adiante.

Partimos da suposição de que fica mais ou menos clara a idéia de que os mostrativos pessoais da classe de *jishô* e *taishô* colocam em destaque o seu componente dêitico ou de "pessoas do discurso" (remetente e destinatário). Temos, no entanto, algumas ponderações a fazer para os da classe de *taishô*. Para os mostrativos da classe de *taishô* (tradicionalmente chamados de 3ª pessoa), alguns lingüistas ocidentais — Benveniste, Jakobson, Lyons, Bloomfield e Halliday & Hasan⁽¹²⁾ — destacam o traço de impessoalidade, porque indicam, segundo eles, apenas os elementos do processo do enunciado e não os

(12) BENVENISTE, Emile. *Problemas de Lingüística Geral*, 1976.

JAKOBSON, Roman. "Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe", 1963.

LYONS, John. *Introdução à Lingüística Teórica*, 1979.

HALLIDAY & HASAN. *Cohesion in English*, 1977.

da enunciação. Atribuem-lhes apenas a função anafórica (Lyons: 3^a pessoa é um membro “negativo”; Halliday & Hasan: 3^a pessoa contém uma definição situacional negativa).

Entretanto, julgamos que os mostrativos da classe de *tashō* têm relação intrínseca com a instância de discurso: embora *ele* dentro do discurso, “não indique diretamente a situação de enunciação, define-se por ela; *ele* é configurado dentro do enunciado atualizado pelo remetente que o situa como membro fora do eixo da interlocução” (*A Déixis Pessoal*, p. 86). Os gramáticos e lingüistas japoneses são unâmnimes em considerar o *tashō* como mostrativo ligado à noção de “processo de enunciação”. E isso se justifica: em japonês, os mostrativos pessoais mais representativos (e mais antigos) dessa classe são aqueles que se compõem com os mostrativos *KO*, *SO* e *A* — *kono hito*, “esta pessoa”, *sono hito*, “essa pessoa” e *ano hito*, “aquele pessoa”, relacionando-se intrinsecamente com a noção de proximidade ou distanciamento (tanto físicos quanto psicológicos) a eles atribuído pelo remetente. A participação do remetente, pois, no estabelecimento da noção de próximo ou distante dele, situa claramente a relação remetente/pessoa referida, designando a área de domínio não só do remetente, mas do destinatário ou do objeto referido. Assim, *kono hito*, “esta pessoa” exprime, além da noção de *tashō*, um envolvimento mais intenso com o remetente; *sono hito*, “essa pessoa”, uma relação de envolvimento menos intensa entre ela e o remetente; por fim, *ano hito*, “aquele pessoa”, exprime uma relação de distanciamento entre ela e o remetente e/ou o destinatário.

Outro argumento para se considerar o *tashō* como elemento ligado à pessoa do discurso é o fato de que o japonês possui várias formas que contêm noção de respeito, modéstia, polidez para esses pessoais.

A ocorrência, em japonês, de formas variadas de mostrativos pessoais para designar *eu*, *tu* e *ele* corresponde, no nosso entender, às várias maneiras segundo as quais o remetente diferencia e identifica o destinatário, objeto maior de sua mensagem. Isto significa que, no momento da escolha deste ou daquele mostrativo para a atualização de seu enunciado, o remetente projeta no destinatário a percepção do papel social que este desempenha. Selecionando um mostrativo pessoal da classe *tai shō* que conota respeito — *otaku*, “o senhor”, por exemplo — o remetente estará reconhecendo o papel social desempenhado pelo destinatário.

Os traços indicadores de “valor de tratamento” estão, pois, intrinsecamente relacionados com o conjunto de valores sociais.

4.2. Mostrativos não-pessoais

Os mostrativos não-pessoais da língua japonesa caracterizam-se por indicar, não só a localização no espaço, isto é, a noção de proximidade ou distanciamento físicos, mas a noção de proximidade e distanciamento psicológicos entre o remetente e o destinatário, ou entre

o remetente e o objeto denotado. Vemos, pois, que a noção de subjetividade do remetente se faz marcante nos chamados mostrativos japoneses, sendo esta noção considerada básica e anterior à noção de localização no espaço.

A língua japonesa apresenta para os mostrativos não-pessoais um sistema de oposição tríplice alicerçado nos monemas *KO*, *SO*, *A* dos quais derivam todas as formas.

Assim, temos:

1. **KOre, SOre e Are** — “isto”, “isso” e “aquilo” para indicar coisas (às vezes pessoas);
2. **Koko, Soko e Asoko** — “aqui”, “aí” e “lá” para indicar lugares;
3. **Kochira, Sochira e Achira**
Kotchi, Sotchi e Atchi
“este lado”, “esse lado” e “aquele lado” para indicar direções (às vezes pessoas);
4. **Kono, Sono e Ano** — “este”, “esse” e “aquele” para indicar relação adjetiva;
5. **Konna, Sonna e Anna** — “deste tipo”, “desse tipo” e “daquele tipo” para indicar estado dos substantivos (função adjetiva);
6. **Koo, Soo e Aa** — “deste modo”, “desse modo” e “daquele modo” para indicar modo (função adverbial).

Os mostrativos indefinidos (*futei shô*), usados também como interrogativos, se configuram com a utilização do monema *DO* e se inserem, em língua japonesa, dentro da classe dos mostrativos (pessoais e não-pessoais). *DO* indica que o objeto referido é indefinido ou desconhecido pelo remetente.

1. **DOno kata, DONata** — “quem” (pessoas);
2. **Dore** — “qual” (coisas);
3. **DOko** — “onde” (lugar);
4. **DOchira, DOTchi** — “de que lado” (direção);
5. **DOno** — “qual” ou “que” (função adjetiva);
6. **DONna** — “de que tipo” (função adjetiva); indica estado;
7. **DOo, DONnani** — “de que modo” (função adverbial); indica modo.

Tendo como foco central o remetente, os demonstrativos em *KO*, *SO*, *A* e *DO* estabelecem um *conceito de relação subjetiva* entre o

remetente e o objeto denotado ou o destinatário e um *conteúdo categórico* que especifica as categorias “objeto”, “fatos”, “lugar”, “direção” etc. (cf. noções de *kankeigainen* e *hanchûgainen* propostas por Okamura, Ide, Horiguchi e outros).

Com exceção feita aos mostrativos não-pessoais de função adjetiva *KOno*, “este”, *SOno*, “esse”, e *Ano*, “aquele”, os quais não expressam conteúdo categórico, mas só estabelecem conceito de relação, todos os mostrativos não-pessoais contém esses dois traços.

O conceito de relação expresso por *KO-SO-A-DO* encontra-se baseado na intenção do remetente que ora quer considerar o objeto denotado psicologicamente (ou fisicamente) mais perto de si, ora mais distante de si. Esse traço subjetivo imprimido pelo remetente se configura, portanto, nas várias situações de enunciação (cf. noção de *ba* proposta por Ide e Takahashi). A noção de proximidade ou distanciamento psicológico (que Horiguchi denomina *kakawari*, “envolvimento”) estabelece as áreas de domínio (*nanwabari*) do remetente, do destinatário e do elemento que não pertence ao eixo *eu-tu*, áreas que variam de acordo com a estrutura do *ba*.

Em alguns casos especiais, entretanto, os mostrativos não expressam relação com as pessoas do discurso: é o caso dos anafóricos absolutos em que os mostrativos apenas retomam ou antecipam um segmento de um único *ba* (cf. item 3, I).

Diremos, então, que os mostrativos estabelecem:

- 1) uma relação subjetiva que parte do remetente em direção ao objeto denotado ou ao destinatário;
- 2) uma relação objetiva entre partes de um enunciado, sem relação com as pessoas do discurso.

A primeira relação é desempenhada pelos dêiticos e pelos mostrativos que designamos “anafóricos relativos” e a última é desempenhada pelos que designamos “anafóricos absolutos”.

Para melhor compreensão, esquematizaremos da seguinte forma:

- a) *dêiticos* — realizam-se dentro de *ba* diferentes; conota relação subjetiva;
- b) *anafóricos* — realizam-se dentro de um único *ba*;
 1. *anafóricos relativos* — relação subjetiva;
 2. *anafóricos absolutos* — relação objetiva.

I. Dêiticos e anafóricos relativos

Dos dados levantados no *corpus*, pudemos observar os seguintes casos:

A. Dêiticos

Os dêiticos *KO* e *SO* servem, na maioria das vezes, para indicar, respectivamente, a área de domínio do remetente e a do destinatário. Nesse caso, o remetente se encontra em posição de oposição ao destinatário, isto é, encontra-se em frente ao destinatário. Vejamos o exemplo:

Tia: **SONO** *yubiwawa dôshitano.*

“Esse anel, como o conseguiu?”

Sobrinha: **KORE**, *morattanoyo.*

“Este, eu ganhei.”

(*Mizuto Hôseki*, “A Água e a Pedra Preciosa”.

Sawako Ariyoshi, p. 238)

O dêítico *SONO*, nesse caso, indica “área de domínio do destinatário” (“objeto pertencente ao destinatário”). Ao contrário, o dêítico *KONO* indica “área de domínio do remetente” (“objeto que lhe pertence”).

A noção de oposição “remetente vs. destinatário” advém do posicionamento do remetente e do destinatário, os quais se encontram configurando cada qual a sua própria área de domínio (*mukaiai no bamen* “um em frente ao outro”, segundo Watanabe).

Outros exemplos podem ilustrar essas áreas de domínio:

Yôko: *Iino, watashiwa toshio toruno. Itsu made KONO wakasaja komarumono.*

“Yôko: Não faz mal, eu quero envelhecer. Com esta juventude prá sempre, vou ter problemas.”

Masayo: **SONNA** *koto naiwa. Wakaito iunowa ichiban kôfukuna kotoyo.*

“Masayo: Não é assim (desse modo). Ser jovem é a coisa mais feliz.”

Yôko: *Sône. Obasamawa kôfukune.*

“Yôko: É mesmo (é desse jeito). A titia é feliz, não?”

Além dessa situação de enunciação estudada acima, onde fica claro que o remetente e o destinatário se posicionam em áreas de domínio distintas, isto é, cada qual inserido em sua respectiva área, temos agora a utilização de *KO* e *A* quando tanto o remetente quanto o destinatário se inserem em uma única área de domínio. Estando ambos dentro de uma única área de domínio, os dois assumem uma relação de “cumplicidade” e os objetos denotados por *KO* e *A* se tornam objetos ora pertencentes, ora não-pertencentes a ambos, próximos ou distantes de ambos. O remetente e o destinatário configuram, pois, a “área de domínio do nós”.

Ex: Nyôbô: *Jaa, nandatte iunoyo.*

“Esposa: Então, o que quer dizer?

Hige: **KONO** *sai, hitotsu zakkubaranni ikôjanaika.*

“O Barba: Que tal, *nesta* oportunidade, sermos sinceros um com o outro?”

(*Seifuku*, “O Uniforme”. Kôbô Abe, p. 315)

O dêitico *KONO* indica a área de domínio onde tanto o remetente quanto a esposa estão conjuntamente inseridos.

Ex: (A esposa, dizendo para o marido que acabara de morrer)
Mô sakewa nomanaitte ANNAni yakusoku shitanonisaa.
“Você havia prometido *tanto* (*daquela maneira*) não beber mais!”

O dêitico *ANNA* refere-se a um fato (o fato de ter ele prometido tanto), embora temporalmente distante, conhecido por ambos, o que configura uma noção de envolvimento ou de “cumplicidade” entre eles.

B. Anafóricos relativos

No que concerne às áreas de domínio, os que denominamos “anafóricos relativos” funcionam segundo o mesmo esquema dos dêiticos. Parece-nos desnecessário, pois, tecer os mesmos comentários que já fizemos na parte anterior.

Gostaríamos apenas de chamar a atenção para o traço que os distingue: enquanto os *dêiticos* realizam uma mostração subjetiva inter-situações de discurso, os *anafóricos relativos* realizam uma mostração subjetiva intra-situação de discurso, ora realizando uma referência retrospectiva, ora prospectiva (ou “função catafórica”).

Verifiquemos os exemplos abaixo, nos quais a função anafórica relativa, nos termos em que a entendemos, fica clara:

1. *Aa, nanto iu taenaru gakuno neda. KOREga kono ajikenai utsushiyono kotonanodarôka.*

“Ah, que som mais misterioso! Será que é *isto* o que chamam de vida terrena enfadonha?”

(*Nayotake*, “Nayotake”. Michio Katô, p. 25)

O anafórico *KORE* indica “área de domínio de nós” porque conota idéia de “este barulho que nós estamos ouvindo”.

2. *Ningenga ikikaetta kao / ... / hidoku taikutsusôna kao shite iru. AREdayo, ANO kaodayo, watashino sukinanowa ...*

“O rosto de alguém que ressuscitou / ... / tem a expressão de quem está terrivelmente enfadado. É *aquele*, é *daquele* rosto que eu gosto.”

(*Sotoba Komachi*, “Sotoba Komachi”.

Yukio Mishima, p. 150)

Os anfóricos relativos *ARE* e *ANO* indicam também a “área de domínio que nós dois conhecemos.”

3. *Ikenai kotowa ikenaisa. Jibunde manzokushiterya SOREde kekkōjanaika.*

“O que não pode, não pode. Se você estiver satisfeito, não é isso o que importa?

O anafórico relativo *SORE* indica que “o estar satisfeito” pertence à área de domínio do destinatário. Neste caso, o remetente se encontra em posição de oposição ao destinatário.

(*Bôni Natta Otoko*, “O Homem que virou Bastão”

Kôbô Abe, p. 51)

4. *Mazu hajimeni kieuku kotowa kono bôni jôgeno kubetsuga aru kotodesu. Sôtô surihette imasu. KOREwa KONO bôga / . . . / hitoni tsukawarete itato iu kotoo imishimasu.*

“O que percebo, antes de mais nada, é que existe diferença nas extremidades deste bastão. Estão bastante gastas. *Isto* significa que *este* / . . . / estava sendo usado por alguém.”

No exemplo acima, *KORE* e *KONO* indicam que o objeto por ele referido se insere dentro da área de domínio do remetente.

II. Anafóricos absolutos

Como se recorda, consideramos “anafóricos absolutos” os mostrativos que substituem um segmento do contexto (retrospectivamente) sem estabelecer qualquer relação com a posição subjetiva do remetente. Nesse caso, o anafórico se realiza mediante substituição de um termo ou uma parte do mesmo enunciado em que ocorrem.

Os mostrativos pertencentes a essa classe ocorrem, na maioria das vezes, na forma *chûshô*⁽¹³⁾, em *SO*, e podem ser considerados como formas cristalizadas, insubstituíveis por outras. Por sua própria característica, o anafórico absoluto *SO* ocorre muitas vezes como forma neutralizada de mostraçâo, onde a noção de apontar se apresenta já bastante atenuada (é o caso dos chamados *setsuzokushi*, “conectivos”, da língua japonesa).

O caráter de mostraçâo subjetiva relacionada à noção de *eu* e *tu* desapareceu nos mostrativos desta classe, indicando, apenas, traços espaciais e temporais. Seu uso decorre da necessidade de economia sintâgmática, em que o mostrativo retoma um segmento do enunciado onde se insere, com a finalidade de não repetir.

(13) *chûshô*, “distância intermediária” expressa pelos mostrativos em forma *SO*, em oposição a *kinshô*, “proximidade” e *enshô*, “distância”.

Vejamos alguns exemplos de uso anafórico absoluto:

- (1) *Watashiwane, funeno kippuo kaini ittandayo. SORE-kara achikochi arukimawattene.*

“Sabe, eu fui comprar a passagem de navio. Depois disso, andei prá lá e prá cá.”

(*Seifuku*, “O Uniforme”. Kôbô Abe, p. 319)

- (2) *Datte karekore⁽¹⁴⁾ nijûnenchikaku tebanasanakatta ishinanoyo. SOREni nedan'o ieба anatadatte gakkari suruto omouwa.*

“Mas, também, trata-se de uma pedra da qual, nada nada, eu não me desfiz durante quase vinte anos. Além disso, se eu disser o preço, você também vai ficar chateada.”

(*Mizuto Hôseki*, “A água e a Pedra Preciosa”. Sawako Ariyoshi, p. 237)

- (3) *Hachijûnen saki... SONO koro konna shizukana ni-waga Tôkyôno dokokani nokotte irukashiran.*

“Daqui a oitenta anos... Será que nessa época haverá ainda, em algum lugar de Tóquio, algum jardim assim tão calmo?”

(*Sotoba Komachi*, “Sotoba Komachi”. Yukio Mishima, p. 155)

- (4) *Hanninwa michio nigezuni massugu gakeo suberiorite ittatchû kotodaga, mitatokoro sorerashii ashiaitowa hitotsushika nai. Shikamo SONO kutsuwa atarashiku tsukekaeta bakarino gomuno kakatoda.*

“Dizem que o criminoso desceu direto pelo precipício, ao invés de fugir pela rua, mas, examinando, havia uma única pegada desse indício. Além disso, esse sapato tinha uma sola de borracha nova, recentemente colocada.”

(*Seifuku*, “O Uniforme”. Kôbô Abe, p. 322)

- (5) *Kanojoga SONO mijikai shôgaino hanbun'o okutta shima / ... /*

“/.../ a ilha onde ela passou metade da sua (*dela*) breve vida.”

(*Apud Daimeishi*, “Pronome”. Itaru Ide, p. 131)

(14) *Karekore* — *ka* é requígio da forma *kare* da língua clássica, mostrativo da classe *tashô* que indica noção de distância (*enshô*). Já é uma forma cristalizada.

Cabe ainda observar que os *mostrativos reflexivos* do tipo *jibun*, *onore*, *jishin* e *mizukara* têm valor anafórico. Vejamos o exemplo abaixo.

*Masayowa KANOJO*no tada ichidono keikendeatta JIBUN-no shussan'o omoidashite ita.

“Masayo lembrava-se de seu (*dela*) parto, o qual *ela* (própria) havia experimentado apenas uma vez.”

(*Mizuto Hôseki*, “A Água e a Pedra Preciosa”.

Sawako Ariyoshi, p. 230)

O mostrativo *JIBUN*, “ela própria”, tem função anafórica porque retoma e substitui um elemento do mesmo enunciado — “Masayo” — além desse caráter de substituição, parece-nos, apresenta um novo semântico de “reflexividade” — se o compararmos com o anafórico *KANOJO*, “ela”, da mesma frase. Assim, diremos que *JIBUN* é um “anafórico absoluto de sentido reflexivo”, que enfatiza a dêixis indicada pelos mostrativos pessoais.

Em português, o pronome reflexivo é expresso pelo caso oblíquo (me, te, se). Em japonês, não há necessidade de se fazer referência às pessoas, isto é, não é preciso retomar as marcas das pessoas do discurso: *jibun*, *jishin*, *onore*, *mizukara*, *jiko* (“próprio”, “mesmo”), *sorezore*, *meimei*, (“cada qual”) etc. valem para os três casos:

1) *jishô*: / . . . / watashino wakakatta jibun, nanika bôtto suru kotoga nakereba JIBUNga ikite iruto kanjinakkatta monda.

“/ . . . / na época em que eu era jovem, se não houvesse algo que me deixasse fascinada, não achava que *eu* (própria) estivesse viva.”

(*Sotoba Komachi*, “Sotoba Komachi”. Yukio Mishima, p. 150)

2) *taishô*: JIBUNno tadashiito omotta kotowa / . . . / saigo made yaritôsu yôni shiniasai.

“Procure fazer até o fim aquilo que *você* (próprio) achar que é correto.”

(*Nayotake*, “Nayotake”. Michio Katô, p. 9)

3) *tashô*: Masayowa / . . . / Jirôno utagaiwa haretaga sô utagatta JIBUNga / . . . / nasakenakunatte . . .
“Já se havia dissipado a desconfiança sobre Jirô, mas Masayo sentiu pena *de si*, que havia desconfiado . . . ”

(*Mizuto Hôseki*, “A Água e a Pedra Preciosa”.

Sawako Ariyoshi, p. 231)

Nos textos narrativos (em oposição a “diálogos”), os mostrativos — dêiticos e anafóricos relativos — podem também exprimir a relação subjetiva entre o autor-remetente e o leitor-destinatário, onde o primeiro tenta aproximar ou distanciar o segundo de sua obra, por meio das formas *KO*, *SO* e *A*. Também neste caso, o foco central se encontra na figura do remetente que, intencionalmente, escolhe uma ou outra forma, ora chamando o leitor para dentro de sua área de domínio, ora distanciando-o dessa área. Por exemplo:

Morishitatono koiga / ... / owattaato, Masayowa kanari susanda seikatsuo okutte kitaga, SONO koroo kaerimireba KONO apaatode utsukushii onnaga / ... / otokoto dô aishiatte ita tokorode hinan suru kiwa okoranai.

“Quando o amor por Morishita terminou, Masayo levava uma vida bastante desregrada, mas recordando essa época, não tinha nenhuma intenção de condenar o fato de uma bela mulher estar vivendo com um homem *neste apartamento* / ... /”

(*Mizuto Hôseki*, “A Água e a Pedra Preciosa”. Sawako Ariyoshi, p. 231)

Os mostrativos *SONO* e *KONO* referem-se a elementos que o narrador considera já do conhecimento do leitor. O uso de *SONO* indica que o narrador tenta colocar, na área do leitor, o fato apontado por esse mostrativo. O uso de *KONO* indica que o narrador tenta aproximar de si o leitor, mostrando, assim, mais intimidade e formando, com ele, uma única área de domínio.

Concluindo, podemos afirmar que os mostrativos japoneses, com exceção dos anafóricos absolutos, encontram-se — mesmo os incluídos na classe de *tashô* — intimamente ligados à noção de subjetividade da linguagem, nos termos que a colocaram Yamada, Tokieda, Watanabe, Ide e outros.

Apesar da mobilidade a que estão sujeitos por causa do caráter subjetivo que os governa, os mostrativos da classe de *tashô* apresentam-se sob uma estrutura nítida, derivadas de *KO*, *SO* e *A*.

Diante do fato incontestável de que o *tashô* da língua japonesa exprime tanto a indicação de *coisas* como *pessoas*, não nos parece pertinente dividi-los como se faz tradicionalmente em português, em “pronomes pessoais” e “pronomes demonstrativos”. Dividimos os mostrativos da língua japonesa em “mostrativos pessoais” e “não-pessoais” como o intuito único de facilitar a explanação. Entretanto, parece-nos mais conveniente encará-los como elementos pertinentes a uma única classe, por nós denominada *mostrativos*.

Com o objetivo de sistematizar os mostrativos da língua japonesa moderna, apresentamos o seguinte quadro, onde, pelas razões expostas acima, incluímos tanto os “pessoais” quanto os “não-pessoais”:

	jishô	taishô	tashô
	watashi	anata	KO
indicação de pessoas	boku	kimi	SO
	etc.	etc.	A
			KO
indicação de coisas, lugares, direção, modo	xxx	xxx	SO
			A

Vale observar que este quadro ilustra o sistema gerador dos dêiticos e anafóricos da língua japonesa moderna, de onde derivam as demais formas mostrativas.

Com exceção dos anafóricos absolutos, que exprimem apenas a indicação objetiva entre elementos do enunciado, os demais mostrativos estabelecem as áreas de domínio dos protagonistas do discurso (aqui incluídos os da classe de *tashô*), mediante graus de envolvimento entre tais elementos e, tendo sempre como foco central, o remetente.

Esquematizando, temos:

- 1) a função de *KO-SO-A*, segundo as áreas de domínio (função dêitica e anafórica relativa):

mostrativos	remetente em oposição ao destinatário: duas áreas de domínio (eu-tu)	remetente e destinatário em uma única área de domínio (área de domínio do nós)
KO	KO	KO
SO	SO	X
A	X	A

Como vemos pelo esquema,

KO — ocorre nos casos em que há posição de oposição entre remetente e o destinatário (*eu* \rightleftharpoons *tu*) ou quando ambos se encontram numa mesma área de domínio (*nós*);

SO — ocorre nos casos em que há posição de oposição entre o remetente e o destinatário (*eu* \rightleftharpoons *tu*);

A — ocorre nos casos em que ambos, remetente e destinatário, se encontram inseridos dentro de uma mesma área de domínio (*nós*).

- 2) a função de *KO*, *SO*, *A* segundo o grau de envolvimento do remetente e do destinatário com o objeto referido:

KO	envolvimento do remetente e do destinatário com o objeto
SO	não envolvimento do remetente com o objeto
A	envolvimento do remetente e do destinatário com o objeto posicionado distante de ambos

Como conclusões, gostaríamos de ressaltar os seguintes resultados, a que chegamos por meio do presente estudo:

- (1) os autores começaram a chamar a atenção para o traço subjetivo que caracteriza os mostrativos da língua japonesa a partir do início do nosso século: Yamada Yoshio (1908) já destacava o *shukansei*, “traço subjetivo”, contido nos mostrativos (embora os denominasse ainda “pronomes”) enquanto fator de transformação de seus conteúdos. A noção de *shukan*, diz Yamada⁽¹⁵⁾, provém do elemento *sasu*, “apontar” realizado pelo remetente;
- (2) enquanto o substantivo é uma palavra que expressa conceito, o mostrativo é uma palavra que aponta para as pessoas do discurso ou os objetos referidos no discurso, identificando-os como *jishô*, *taishô* e *tashô*;
- (3) definitivamente, o termo *pronomo* (*daiimeishi*) não é adequado para designar essas palavras, que têm como traço essencial o caráter de subjetividade; pareceu-nos mais pertinente designá-los *palavras mostrativas* (*Shijishi*) como o fizeram Watanabe e seus seguidores;

(15) YAMADA, Yoshio. *Nihon Bungô Kôgi*, 1971, p. 27.

- (4) os mostrativos, assim considerados, podem ser explicados pela teoria de *ba*, “situação de enunciação”, e *bamen*, “situação de enunciado”, e consequentemente pela teoria de *nawabari*, “áreas de domínio”, propostas por Ide, Takahashi, Okamura e outros;
- (5) o critério de análise segundo o *nawabari* (“área de domínio” dos protagonistas do discurso) é mais abrangente e completo do que o simples critério de proximidade e distanciamento no espaço;
- (6) os mostrativos podem, pois, ser classificados em **dêiticos** e **anafóricos** (*absolutos* e *relativos*), de acordo com a função que desempenham no *ba*, “situação de enunciação”;
- (7) com exceção dos anafóricos absolutos, que exprimem a indicação objetiva dos elementos do enunciado, os demais mostrativos se relacionam com o traço subjetivo da língua, porque têm como foco central o remetente que os enuncia;
- (8) em japonês, o fator subjetivo está intimamente ligado com a conscientização da figura do destinatário, levada a efeito pelo remetente. É esta a razão que justifica a existência de um grande número de mostrativos pessoais, os quais contêm sempre a noção de valor de tratamento (modéstia, polidez, desprezo etc.). A noção de modéstia ou respeito existe desde os primórdios da língua japonesa, quando *jishō* significava modéstia e *taishō*, respeito. Com o desaparecimento dos pessoais *WA* e *NA*, respectivamente *jishō* e *taishō*, a língua moderna passou a substituí-los por substantivos que indicam noção de modéstia e respeito. *Boku*, “eu”, por exemplo, era originariamente um substantivo, com sentido de “servo”, portanto, de modéstia.

Esperamos ter podido reunir algumas conclusões pertinentes que venham, de alguma forma, a esclarecer o funcionamento dos mostrativos da língua japonesa moderna.

As idéias expostas e discutidas neste trabalho surgiram de uma preocupação que tem nos acompanhado durante estes anos de ensino e pesquisa: o aperfeiçoamento de uma metodologia de ensino dirigida especificamente para brasileiros que desejam estudar a língua japonesa.

Temos consciência de que um desdobramento necessário deste trabalho será a realização de um estudo contrastivo entre o japonês e o português, que venha a possibilitar melhor compreensão das leis que governam as estruturas lingüísticas do japonês, por parte dos brasileiros. Uma outra área a ser investigada seria o estudo dos elementos paralingüísticos que subjazem às estruturas mostrativas do

japonês. Estes serão, certamente, temas fecundos para outras pesquisas que pretendemos realizar no futuro.

Acreditamos que os estudos realizados neste trabalho venham a contribuir, ainda que de maneira modesta, para a compreensão do funcionamento e do significado dos mostrativos da língua japonesa, fato que poderá oferecer subsídios para uma tradução correta das obras japonesas. Esperamos que os pontos aqui levantados e discutidos permitam ao estudante brasileiro de língua japonesa compreender um pouco melhor a percepção de mundo e dos fatores sociais e culturais japoneses que determinam o funcionamento dos mostrativos.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — ABE, Kôbô. *Seifuku*, "O Uniforme". In: *Gendai Nihon Gikyôku Taikei*, "Col. Peças Teatrais Japonesas Contemporâneas", vol. 2. Tóquio, San'ichi Shobô, 1971.
- 2 — ABE, Kôbô. *Bôni Natta Otoko*, "O Homem que virou Bastão". In: *Abe Kôbô Zen-sakuhin*, "Obras Completas de Kôbô Abe", vol. 12. Tóquio, Shinchôsha, 1973.
- 3 — ARIYOSHI, Sawako. *Mizuto Hôseki*, "A Água e a Pedra Preciosa". In: *Gendai Nihon Bungaku Taikei*, "Col. Literatura Japonesa Contemporânea", vol. 89. Tóquio, Chikuma, 1972.
- 4 — BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo, Companhia Editora Nacional - EDUSP, 1976.
- 5 — BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Nova Iorque, Holt, Rinehart and Winston, 1971.
- 6 — CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª ed. rev., Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1975.
- 7 — HALLIDAY, M. A. & HASAN, Rugaiya. *Cohesion in English*. Londres, Longman, 1977.
- 8 — HASHIMOTO, Shinkichi. *Daimeishi*, "Pronome". In: *Shinbunten Bekki - Kôgohô*, "Anotações sobre Gramática - Língua Falada". Tóquio, Fuzanbô, 1938. pp. 46-51.
- 9 — HASHIMOTO, Shinkichi. *Kokubunpô Taikeiron*, "Teoria da Sistematização da Gramática Japonesa". Tóquio, Iwanami, 1967.
- 10 — HATTORI, Shirô. *KORE, SORE, AREto This, That*, "Isto, Isso, Aquilo e This That". In: *Eigo Kisogoino Kenkyû*, "Estudos sobre o Vocabulário do Inglês". Tóquio, Sanseidô, 1968. pp. 71-89.
- 11 — HORIGUSHI, Kazuyoshi. *Shijigo KO-SO-A Kô*, "Reflexões sobre os Mostrativos KO-SO-A". In: *Ronshû Nihon Bungaku - Nihongo*, "Col. Literatura Japonesa - Língua Japonesa", nº 5. Tóquio, Kadokawa, 1978.
- 12 — HORIGUCHI, Kazuyoshi. *Shijino Hyôgensei*, "A Expressividade dos Mostrativos". In: *Nihongo Nihon Bunka*, "Língua Japonesa, Cultura Japonesa", nº 8. Osaka, Osaka Gaikokugo Daigaku Kenkyû Ryûgakusei Bekka, 1978. pp. 23-44.
- 13 — IDE, Itaru. *Bunmyaku Shijigoto Bunshô*, "Os Mostrativos Anafóricos e o Texto". In: *Kokugo Kokubun*, "Língua e Literatura Japonesa", nº 21, vol. 8. Quioto, Chûô Tosho, 1952, pp. 1-22.
- 14 — IDE, Itaru. *Bunmyaku Shijigoni Taisuru Kanbun Kundokuno Eikyô*, "As Influências da Leitura Japonesa dos Textos de Estrutura Chinesa nos Mostrativos Anafóricos". In: *Kokugogaku*, "Teoria da Língua Japonesa". Tóquio, Kokugo Gakkai, 1955. pp. 71-78.

- 15 — IDE, Itaru. *Daimeishi*, "Pronome". In: *Zoku Nihon Bunpō Kōza 1 - Bunpō Kakuron'hen*, "Série Gramática Japonesa 1 - Das várias Teorias Gramaticais". Tóquio, Meijishoin, 1957, pp. 111-130.
- 16 — IDE, Itaru. *Daimeishi*, "Pronome". In: *Zoku Nihon Bunpō Kōza 1 - Sōron*, "Série Gramática Japonesa 1 - Introdução". Tóquio, Meijishoin, 1958.
- 17 — IKEGAMI, Akihiko. *Daimeishitowa Nanika*, "O que é o Pronome?". In: *Kōza Nihongo Bunpō 3 - Hinshi Kakuron*, "Série Gramática Japonesa 3 - Das Várias Teorias sobre a Taxionomia". Tóquio, Meijishoin, 1967. pp. 21-36.
- 18 — IMAI, Shirô. *Shijidaimeishino Shiji Kinôni Tsuite*, "Sobre a Função Mostrativa dos Pronomes Demonstrativos". In: *Hokkaidō Daigaku Jinmongaku Ronshū*, "Cole-tânea de Estudos das Ciências Humanas da Universidade de Hokkaido". Hokkaidō, Hokkaidō Daigaku, 1978.
- 19 — JAKOBSON, Roman. "Les Embrayeurs, les Catégories Verbales et le Verbe Russe". In: *Essais de Linguistique Générale*. Paris, Minuit, 1963.
- 20 — KATÔ, Michio. *Nayotake*, "Nayotake". In: *Gendai Nihon Gikyoku Taikei 1*, "Col. Peças Teatrais Japonesas Contemporâneas". Tóquio, San'ishi Shobô, 1971.
- 21 — KUNO, Susumu. *Bunmyakuno Bunseki - KO-SO-A*, "Análise do Contexto". In: *Nihon Bunpō Kenkyû*, "Estudos sobre a Gramática Japonesa". Tóquio, Taishûkan, 1973.
- 22 — KUNO, Susumu. *Danwano Bunpō*, "Gramática do Discurso". Tóquio, Taishûkan, 1978.
- 23 — LYONS, John. *Introdução à Lingüística Teórica*. São Paulo, Companhia Ed. Nacional - EDUSP, 1979.
- 24 — LYONS, John. *Semântica I*. Lisboa, Presença/Martins Fontes, 1980.
- 25 — MATSUSHITA, Daizaburô. *Hyōjun Nihon Kōgohō*, "Gramática da Língua Japonesa Falada Padrão". Tóquio, Hakuteisha, 1961.
- 26 — MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. "Sobre a Classificação das Palavras". In: *Dispersos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas e Instituto de Documentação, 1972.
- 27 — MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1976.
- 28 — MIKAMI, Akira. *Daimeishito Shōzensei - Shijino Hataraki*, "O Pronome e a Anáfora - a Função dos Mostrativos". In: *Gendai Gohō Shinsetsu*, "Nova Teoria da Gramática Contemporânea". Tóquio, Kuroshio Shuppan, 1972. pp. 170-189.
- 29 — MISHIMA, Yukio, *Kataku*, "Vida de Sofrimentos". In: *Gendai Nihon Gikyoku Taikei*, "Col. Peças Teatrais Japonesas Contemporâneas", vol. 2. Tóquio, San'ichi Shobô, 1971.
- 30 — MISHIMA, Yukio. *Sotoba Komachi*, "Komachi Sotoba". In: *Gendai Nihon Gikyoku Taikei*. "Col. Peças Teatrais Japonesas Contemporâneas". vol. 2, Tóquio, San'ichi Shobô, 1971.
- 31 — MIYAJI, Yutaka. *YARU, KURERU, MORAU* *Jutsugoto Suru Bunno Kōzōni Tsuite*, "Sobre a Estrutura Sintática de YARU, KURERU, MORAU enquanto Predicados". In: *Kokugogaku*, "Teoria da Língua Japonesa", nº 63. Tóquio, Kokugo Gakkai, dez. 1965, pp. 21-33.
- 32 — MIYAJI, Yutaka. *Shinpan Bunron*, "Gramática Japonesa - Nova Edição". Tóquio, Meijishoin, 1979.
- 33 — HAYASHI, Shirô. *Shiji Rentaishi KONO-SONONO Hatarakito Zengokankei*, "A Função do Mostrativo de Função Adjetiva Este, Esse e suas Relações". In: *Denshi*

- Keisankini Yoru Kokugo Kenkyū*, "Pesquisa Computacional da Língua Japonesa", nº IV. Tóquio, Kokuritsu Kokugo Kenkyūjo, 1972. pp. 110-131.
- 34 — NAGANO, Masaru. *Kotobano Tsukaiwakeni Kansuru Kihon Mondai*, "Questões Básicas sobre os Usos da Língua". *Kokugoto Kokubungaku*, "Língua e Literatura Japonesa", vol. 26. Tóquio, Shimbundō, março de 1949, pp. 53-60.
- 35 — NAGANO, Masaru. *Aiteto Iu Gainenmi Tsuite*, "Sobre o Conceito de Destinatário". In: *Kokugogaku*, "Estudos sobre a Língua Japonesa", nº 9. Tóquio, Musashino-shoin, maio de 1952. pp. 23-28.
- 36 — OKAMURA, Kazue. *Daimeishitowa Namika*, "O que é o Pronome?". In: *Hinshibetsu Nihon Bunpō Kōza 2 - Meishi, Daimeishi*, "Col. Gramática Japonesa - Categorias Gramaticais 2 - Substantivos, Pronomes". Tóquio, Meijishoin, 1972. pp. 80-121.
- 37 — OTSUKI, Fumihiiko. *Gohō Shinan*, "Instruções sobre o Emprego das Palavras". In: *Daigenkai*, "O Grande Dicionário", vol. 4. Tóquio, Fuzanbō, 1950.
- 38 — ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 23^a ed., Rio de Janeiro, José Olímpio, 1983.
- 39 — RODRIGUEZ, Pe. João. *Arte da Lingoa de Iapam*. Nagasaqui, Companhia de IESV, 1608 (cópia xerografada por Benseisha, Tóquio, 1976).
- 40 — RODRIGUEZ, Pe. João. *Nihon Daibunten*, "A Grande Gramática da Língua Japonesa". Trad. Com. do obra *Arte da Lingoa de Iapam*, por Tadoa Doi. Tóquio, Sanseidō, 1955.
- 41 — RODRIGUEZ, Pe. João. *Arte Breve da Lingoa Iapoa*. Macao Companhia de IESV, 1620 (cópia xerografada por Tenri Central Library, Tenri, 1972).
- 42 — SAID-ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7^a ed. melhorada e aum., Rio de Janeiro, Melhoramentos, 1971.
- 43 — SAKAKURA, Atsuyoshi. *Nihon Bunpōno Hanashi*, "Sobre a Gramática Japonesa". Tóquio, Kyōiku Shuppan, 1978, pp. 148-161.
- 44 — SAKATA, Yukiko. *Shijigo KO-SO-Ano Kinōni Tsuite*, "Sobre as Funções dos Mostrativos *KO-SO-A*". In: *Tōkyō Gaikokugo Daigaku Ronshū*, "Coletânea de Estudos de Línguas Estrangeiras de Tóquio", nº 21. Tóquio, Tokyo University of Foreign Studies, 1971, pp. 125-138.
- 45 — SAKUMA, Kanae. *Gendai Nihongono Hyōgento Gohō*, "A Expressão e a Gramática da Língua Japonesa Moderna" (edição revisada e aumentada), Tóquio, Hösei-kaku, 1966, pp. 2-43.
- 46 — SALUM, Isaac Nicolau. "As Vicissitudes dos Dêiticos - Anafóricos". In: *Euripedes Simões de Paula - in Memoriam*. São Paulo, Gráfica da FFLCH USP, 1983. pp. 311-342.
- 47 — SALUM, Onélia de Lima. *O Demonstrativo Românico*. Dissertação de Mestrado apresentada na FFLCH USP, 1980.
- 48 — SHIBATA, Takeshi. *Kaku, Ninshō*, "Caso e Pessoa". In: *Zoku - Nihon Bunpō Kōza 1 - Bunpō Kakuron'hen*, "Série Gramática Japonesa 1 - Das Várias Teorias Gramaticais", Tóquio, Meijishoin, 1957, pp. 197-222.
- 49 — SHŌHO, Isamu. *KO-SO-Ano Taikei*. "A Sistemática de *KO-SO-A*". In: *Nihongono Shijishi*, "Os Mostrativos Japoneses". Tóquio, Kokuritsu Kokugo Kenkyūjo, 1981.
- 50 — SILVA, Ignácio Assis da. *A Dêixis Pessoal*. Tese de Doutoramento apresentada na FFLCH USP, 1972.
- 51 — SORANISHI, Tetsurō. *Ninshōto Hanashino Ba*, "As Pessoas do Discurso e a Situação de Enunciação". In: *Eigo Seinen*, nº 11. Tóquio, Keikyūsha, 1961.

- 52 — TAKAHASHI, Tarô. *Bamento Ba*, "Situação de Enunciado e Situação de Enunciação". In: *Kokugo Kokubun*, "Língua e Literatura Japonesa", vol. 25, nº 265. Quioto, Chûô Toshô, 1965, pp. 53-61.
- 53 — TAKAHASHI, Tarô. *KO-SO-A-DO*no Genrini Tsuite, "Sobre a Teoria de *KO-SO-A-DO*". In: *Gengo Seikatsu*, "Vivência Lingüística". Tóquio, Chikuma, jan. 1975. pp. 91-94.
- 54 — TAKAHASHI, Tarô & SUZUKI, Mitsuyo. *KO, SO, A*no Shiji Ryôkini Tsuite, "A Respeito do Domínio Mostrativo de *KO, SO* e *A*". In: *Kenkyû Hôkokushû*, 3, "Cole-tânea de Relatórios de Pesquisas, 3". Tóquio, Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo, 1982, pp. 1-44.
- 55 — TANAKA, Nozomu. *KO-SO-Ao Meguru Shomondai*, "Sobre os Vários Problemas de *KO-SO-A*". In: *Nihongono Shijishi*, "Os Mostrativos Japoneses". Tóquio, Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo, 1981.
- 56 — TOKIEDA, Motoki. *Daimeishi* (1) e (2), "Pronome". In: *Nihon Bunpô - Kôgohen*, "Gramática Japonesa - Língua Falada". Tóquio, Iwanami, 1963, pp. 72-88.
- 57 — TOKIEDA, Motoki. *Kokugogakushi*, "História da Língua Japonesa". Tóquio, Iwanami, 1966.
- 58 — TOKIEDA, Motoki. *Kokugogaku Genron*, "Princípios da Gramática Japonesa". Tóquio. Iwanami, 1971. ..
- 59 — TSURUMIENE, Shigenobu. *Daimeigen*, "Pronome". In: *Kokugogaku Taikei 1 - Gogaku Shinsho*, "Sistematização dos Estudos da Língua Japonesa 1 - Nova Gramática". Tóquio, Kôseikaku, 1833.
- 60 — WATANABE, Minoru. *Shijino Kotoba*, "Palavras Monstrativas". In: *Joshidai Bungaku*, Rev. "Literatura - Universidade Feminina", nº 5. Osaka, Ōsaka Joshidaigaku Bungakushî, 1952.
- 61 — WATANABE, Minoru. *Kokugo Kôbunron*, "Teoria Sintática da Língua Japonesa". 2ª ed., Tóquio, Haniwa Shobô, 1974.
- 62 — YAMADA, Yoshio. *Nihon Bunpôron*, "Teoria da Gramática Japonesa". Tóquio, Hôbunkan, 1970.
- 63 — YAMADA, Yoshio. *Nihon Bunpôgaku Gairon*, "Considerações Gerais sobre as Teorias da Gramática Japonesa". Tóquio Hôbunkan, 1936.
- 64 — YAMADA, Yoshio. *Nihon Kôgohô Kôgi*, "Explanações sobre a Gramática da Língua Japonesa Falada". Tóquio, Hôbunkan, 1970.
- 65 — YAMADA, Yoshio. *Nihon Bunpô Kôgi*. "Explanações sobre a Gramática Japonesa". Tóquio, Hôbunkan, 1971.

(Este trabalho constitui parte da Dissertação de Mestrado, apresentada junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em agosto de 1984).